

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

RENATO EUCLIDES MARTINELLI

**REPRESENTAÇÃO DA MORTE E SUAS EXPECTATIVAS NA VISÃO
DE PETRÔNIO: UMA LEITURA SOBRE O *SATYRICON*.**

**FRANCA-SP
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

RENATO EUCLIDES MARTINELLI

**REPRESENTAÇÃO DA MORTE E SUAS EXPECTATIVAS NA VISÃO DE
PETRÔNIO: UMA LEITURA SOBRE O *SATYRICON*.**

Dissertação, apresentada para obtenção do Título de Mestre em História, a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Área de Concentração História e Cultura Política.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Margarida Maria de Carvalho

FRANCA
2006

Martinelli, Renato Euclides

Representação da morte e suas expectativas na visão de
Petrônio : uma leitura sobre o *Satyricon* / Renato Euclides Mar-
tinelli. –Franca : UNESP, 2006

Dissertação – Mestrado – História – Faculdade de História,
Direito e Serviço Social – UNESP.

1. Morte – Literatura latina. 2. Petrônio – *Satyricon* – Crítica
e interpretação. 3. Libertos ricos – Roma antiga.

CDD – 937

DEDICATÓRIA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao amigo e orientador de graduação professor Claudiomar dos Reis Gonçalves, quem sempre me incentivou em todas as etapas de meus estudos. Através de seu jeito brincalhão existia um grande amigo, amigo de verdade, pois sempre estava disposto à ajudar em qualquer momento e ocasião. Severo na orientação, difícil de ganhar um elogio, mas quando terminado o trabalho...Comemoração...

Vai ficar em minha memória os churrascos de república onde no final estávamos aprontando algo com alguém...

Apesar de não estar mais presente fisicamente, sua amizade e afeto estará junto de nós.

AMIGOS

“Desejo primeiro, que você ame, e que
Amado, também seja amado. E que se não for, seja breve em
Esquecer e esquecendo não guarde mágoa.

Desejo, pois, que não seja assim, mas se
For, saiba ser sem desesperar.

Desejo também que tenha amigos, que
Mesmo maus e inconstantes, sejam
Corajosos e fiéis, e que em pelo menos
Um deles você possa confiar sem dúvida

E porque a vida é assim,
Desejo ainda que você tenha inimigos;

Nem muitos, nem poucos,
Mas na medida exata para que, algumas
Vezes, você se interpele a respeito de
Suas próprias certezas.

E que entre eles, haja pelo menos um
Que seja justo,
Para que você não se sinta
Demasiado seguro.

Depois desejo que você seja útil, mas

Não insubstituível.
E que nos maus momentos,
Quando não restar mais nada, essa
Utilidade seja suficiente para manter você de pé.

Desejo ainda que você seja tolerante;
Não com os que erram pouco, porque
Isso é fácil, mas com os que erram
Muito e irremediavelmente,
E que fazendo uso dessa tolerância,
Você sirva de exemplo aos outros.

Desejo que você sendo jovem não
Amadureça depressa demais, e que se
Maduro,
Não insista em rejuvenescer
E que sendo velho não se dedique ao desespero.

Porque cada idade tem o seu prazer e a
Sua dor e é preciso deixar que eles
Escorram por entre nós.

Desejo por sinal que você seja triste;
Mas não o ano todo, mas apenas um dia.

Mas que nesse dia descubra que o riso
Diário é bom;
O riso habitual é insosso
E o riso constante é insano.

Desejo que você descubra, com o
Máximo de urgência,
Acima e a despeito de tudo,
Que existem oprimidos,
Injustiçados e infelizes, e que estão à
Sua volta.

Desejo ainda que você afogue um gato,
Alimente um cuco ou ouça o João de
Barro erguer triunfante o seu canto matinal;

Porque assim, você sentirá
Bem por nada.

Desejo também que você plante
Uma semente, por mais minúscula que seja,
E acompanhe o seu crescimento, para
Que você saiba de quantas muitas vidas
É feita uma árvore.

Desejo outrossim, que você tenha dinheiro porque é preciso ser prático.

E que pelo menos uma vez por ano
Coloque um pouco dele na sua frente e diga
“isso é meu”, só para que fique bem
Claro quem é dono de quem.

Desejo também que nenhum de seus
Afetos morra, por ele e por você, mas
Que se morrer, você possa chorar
Sem se lamentar e sofrer sem se culpar.

Desejo por fim que você sendo um
Homem, tenha uma boa mulher, e que
Sendo uma mulher, tenha um bom
Homem e que se amem hoje,
Amanhã e no dia seguinte,
E quando estiverem exaustos e
Sorridentes, ainda haja amor para
Recomeçar.

E se tudo acontecer,
Não tenho mais nada a desejar.

(Vitor Hugo)

AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS

Ao longo dessa jornada acadêmica muitos foram os auxílios e sugestões recebidas para que esse trabalho pudesse ser realizado. Assim, gostaria de agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse estudo.

Sou grato à Prof^a Dr^a Margarida Maria de Carvalho, pela orientação segura e dedicada que me auxiliou na elaboração desse trabalho, pelo atendimento solícito e carinhoso diante de qualquer problema e pelo apoio em minhas dificuldades, sempre transmitindo seus conhecimentos e experiências.

Devo um agradecimento especial à Professora Andréia Lúcia Dorini Oliveira Carvalho Rossi (UNESP-Assis), por acompanhar meu trabalho desde a graduação e pelas sugestões e críticas feitas na defesa de minha qualificação.

Mesmo correndo o risco de ser injusto, acredito que seria impossível deixar de agradecer algumas pessoas diretamente: ao professor Fábio Duarte Joly, pela leitura que fez do meu projeto e suas sugestões; à professora Ana Tereza Marques Gonçalves, pelas indicações bibliográficas; e aos professores da área de estudos clássicos, que quando reunidos em congresso, colaboraram com idéias e opiniões, entre eles o professor Norberto Luiz Guarinello, Maria Aparecida de Oliveira Silva e Glaydson José da Silva.

Minha família, que contribuiu com seu incentivo e apoio, em especial à minha mãe, exemplo de obstinação e perseverança, que sempre “cuidou-me” enquanto estudava durante a madrugada.

À Michele, minha noiva, que me acompanha desde o início dos meus estudos, deixo meus maiores agradecimentos. Companheira e amiga para todas as horas (quantas horas de digitação!...) e cúmplice em todos os momentos nos últimos anos, foi a grande inspiração por trás de todo este trabalho e sem dúvida a pessoa mais importante para que esta dissertação pudesse ser concluída.

ΕΠÍΓΡΑΦΕ

“...como é que um texto, que é o mesmo para todos que o lêem, pode transformar-se em instrumento de discórdia e de briga entre seus leitores, criando divergências entre eles e levando cada um, dependendo de seu gosto pessoal, a ter uma opinião diferente?”

(Roger Chartier)

RESUMO

RESUMO

O presente trabalho tem por proposta estudar a representação da morte e as expectativas que ela pode causar em uma sociedade em transformação, Roma Antiga (período do Principado), onde surge um grupo de pessoas ricas e com influências, os libertos-ricos. Nossa principal fonte foi o *Satyricon*, romance escrito por volta da segunda metade do século I d.C. (época neroniana), por um autor conhecido por Petrônio. Para realização deste estudo, elaboramos três capítulos e cada um encerra com uma conclusão prévia, referente ao assunto discutido, para que o texto, em seu conjunto, disponha de uma coesão inerente ao trabalho produzido. O primeiro capítulo teve por objetivo apresentar o autor, sua obra, o poder e a morte no *Satyricon*. O segundo, visou discutir sobre os libertos na historiografia e, por fim, o terceiro, analisou o olhar de Petrônio e sua representação sobre a morte. Com isso, concluímos que a morte gerou vários interesses e conflitos entre grupos distintos na sociedade que estava em transformação entre os séculos I e II d.C.

Palavras-chave: Representação. Morte. Libertos. *Satyricon*. Principado.

ABSTRACT

ABSTRACT

The present work has as intended to study the representation of the death and the expectations that it can cause in a society in transformation, Old Rome (period of the Principality), where a group of rich people appears and with influences, the freedoman-rich ones. Our main source was Satyricon, romance written about the second half of the century I A.D. (time neroniana), for a well-known author for Petrônio. For accomplishment of this study, we elaborated three chapters and each one has a previous conclusion, regarding the discussed subject, so that the text, in its totality, has an inherent cohesion to the produced work. The first chapter had for objective to present the author, his work, the power and the death in Satyricon. The second, discussed on the freedoman in the historiography and, finally, the third, analyzed the glance of Petrônio and its representation on the death. With that, we concluded that the death treated several interests and conflicts among different groups in the society that was in transformation between the centuries I and II A.D.

Word-key: Representation. Death. Freedoman. Satyricon. Principality

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO _____	18
2 CAPÍTULO I – O SATYRICON _____	29
2.1 O autor e sua obra _____	29
2.2 Poder e morte no Satyricon _____	33
2.3 Trimalcião _____	34
2.4 Licas _____	40
2.5 Eumolpo _____	44
3 CAPÍTULO II – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS LIBERTOS _____	49
3.1 Os libertos na historiografia _____	49
4 CAPÍTULO III - O OLHAR DE PETRÔNIO _____	73
4.1 Interdisciplinaridade, discurso e representação _____	73
4.2 <i>Cena Trimalchionis</i> _____	75
4.3 Análise _____	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	85
REFERÊNCIAS _____	88

INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

A antiguidade greco-romana tem relações próximas com a nossa sensibilidade contemporânea. É opinião generalizada que nossa civilização herdou dos gregos e romanos as suas características mais específicas e utiliza constantemente alguns dos seus temas filosóficos ou literários e algumas de suas formas estéticas para organização da sociedade. O *Satyricon*, obra escrita no século I d.C. por Petrônio, é um rico documento para estudar a cultura, a política e sociedade romana durante o período Neroniano.

Deste modo utilizaremos o discurso de Petrônio, o *Satyricon*, no qual analisaremos passagens que remetem à morte, pra refletir como este acontecimento interfere e transforma em jogo político uma sociedade em contínua mudança.

Assim sendo, nossa dissertação está dentro da linha de pesquisa sobre cultura política, cabendo, inicialmente, uma reflexão sobre o conceito de cultura política e sua trajetória e utilização no mundo antigo.

O conceito de cultura política data dos anos sessenta, como instrumento analítico da ciência política. Gabriel Almond¹, um dos primeiros a abordar o conceito, utiliza-o como um conjunto de significados e propósitos dentro do qual cada sistema político está contido; um padrão particular de orientação da ação política². Desse modo, cultura política é “plástica”, sofre mudança e adaptação com o passar do tempo.

Para Serge Berstein³, cultura política é como “*uma espécie de códigos e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundido no seio de uma família ou de uma tradição políticas*”⁴. Com isso, Berstein elaborou os vetores de ação pelos quais passa a integração desta cultura política. Os vetores são: a família, a

¹ ALMOND, 1999: 196-218.

² ALMOND, 1999: 203.

³ BERSTEIN, 1998: 349-363.

⁴ BERSTEIN, 1998: 350.

escola, o liceu, a universidade e as influências adquiridas em diversos grupos onde as pessoas são chamadas a viver. Deste modo, o autor demonstra que o historiador das culturas políticas deveria trazer respostas aos problemas fundamentais da motivação do político, como se observa no trecho abaixo:

“...a cultura política assim elaborada e difundida, à escala das gerações, não é de forma alguma um fenômeno imóvel. É um corpo vivo que continua a evoluir, que se alimenta, se enriquece com múltiplas contribuições, às das outras culturas políticas quando elas parecem trazer boas respostas aos problemas do momento, os da evolução da conjuntura que reflete as idéias e os temas, não podendo nenhuma cultura política sobreviver a prazo a uma contradição demasiado forte com as realidades” (BERSTEIN, 1998: 357).

Margareth R. Somers⁵ tem como argumento desenvolver cultura política e esfera pública, tanto nas formas parsonianas e habermasianas. O conceito de cultura política é utilizado de uma forma que dificilmente pode ser considerado político e cultural⁶ e, o conceito deve ser entendido no seu contexto. Somers nos mostra que, para Parson, o que influencia cultura política e esfera pública é o psicológico, o comportamental; e para Habermas são os cidadãos que questionam os mesmos. Assim, cultura política está entre o público e o privado, mostrando que o homem moderno é dividido em mundo privado e mundo público, e que a cultura política é fator de ligação e ordenação entre ambos.

Contudo, J. G. A. Pocock, na introdução de *Linguagens do Ideário Político*⁷, mostra-nos que a maneira de analisar o texto político é observá-lo inserido em seu contexto, destacando na linguagem elementos de aproximação a determinado pensamento e prática política, o que auxilia o historiador a revelar características da cultura política de cada um daqueles grupos, bem como entender o texto político, o discurso, a fala, como reflexão de

⁵SOMERS, 1996/97: 31-94.

⁶SOMERS, 1996/97: 53.

⁷POCOCK, 2003: 23-62.

mundo⁸. Tal linha de raciocínio será utilizada neste trabalho, no qual enfocamos passagens do discurso de Petrónio, o *Satyricon*, conforme dito anteriormente.

Dessa forma, quando falamos de cultura política na Antigüidade Romana, é a partir das concepções de política, ética, poder imperial, vida cotidiana, entre outros, que se pode tentar elaborar o conceito de cultura política no Mundo Antigo.

A partir disso, podemos começar a analisar a política na Antigüidade Clássica com base na concepção e posição de Moses Finley, em *A Política no Mundo Antigo*⁹. Nessa obra, Finley faz uma análise comparativa entre Grécia e Roma, mesmo sabendo que tiveram instituições e história diferentes. Ambas têm em comum uma base agrária e um sistema social estratificado e hierárquico.

A grande discussão em torno de Moses Finley é que a política é exercida somente em sociedade em que as decisões públicas são feitas pela discussão seguida do voto. Esta, por sua vez, não pode se restringir em um pequeno ciclo de um governante, da sua família e de seus íntimos. Com isso, esses empecilhos restringem a prática da política no Mundo Antigo somente no período republicano, deixando o período imperial fora desta prática¹⁰.

Contrapondo esta posição de Finley sobre a política no Mundo Clássico, principalmente no período imperial, demonstraremos a partir de agora, segundo a análise de outros autores, a vida e agitação política que existia no período imperial, ou melhor, Roma Imperial.

Norberto Luiz Guarinello e Fábio Joly no artigo *Ética e Ambigüidade no Principado de Nero*¹¹, fazem uma reflexão sobre a existência de uma ética política no Império Romano e sua ambigüidade. De início, colocam que:

⁸POCOCK, 2003: 28.

⁹FINLEY: 1985.

¹⁰FINLEY, 1985: 68.

¹¹GUARINELLO & JOLY, 2001: 133-52.

“não há uma ética, mas éticas, socialmente produzidas, que atuam, de modo mais ou menos elaborado e sistemático, na definição dos fins sociais, em nosso caso dos fins políticos, dos meios adequados para atingi-los.”
[GUARINELLO & JOLY, 2001: 134]

Assim, neste trabalho, os historiadores discutem no decorrer do texto que a questão das éticas políticas no principado deve ser entendida em seus próprios termos e não nos nossos. Colocam que a política no principado estaria ligada à obtenção de benefícios imperiais, pois necessitavam de prestígio social e riqueza, criando assim um sistema próprio de competição pelo poder, tendo uma escala de força que dependia da proximidade ou distância em relação ao imperador. Com base nisso, observa-se que havia agitação política no principado e suas influências reverberavam em todos os grupos da sociedade imperial, conforme o trecho abaixo:

“o principado de qualquer modo não sepultou a política, nem tampouco a revestiu de um caráter meramente ambíguo. Pelo contrário, delineou um outro espaço político de confronto e consenso, do qual não estavam excluídos, nem mesmo os grupos subalternos”¹².

Já Victor Revilla em *Poder Político, Visibilidad Social y Honores em Is Roma Del Siglo I d.C.*¹³, faz um estudo das correspondências de Plínio, o Jovem, as quais nos dão várias informações relacionadas a valores e comportamentos da aristocracia senatorial e suas relações sociais¹⁴, em especial um episódio, o de *ornamenta praetoria* a Palas, um poderoso liberto, ex-escravo, de Cláudio. Com a reflexão deste episódio, um monumento, Revilla discute a política, o poder dos libertos imperiais e a tradição historiográfica que envolve estas personagens.

Analisando a figura de Palas, Victor Revilla demonstra juntamente com a tradição historiográfica, que os governos considerados dignos, honestos e exemplares, eram os que não

¹² GUARINELLO & JOLY, 2001: 152.

¹³ REVILLA, p. 253-264. In: BENOIT & FUNARI, 2001.

¹⁴ REVILLA, p. 253. In: BENOIT & FUNARI, 2001.

possuíam a figura do liberto imperial próximo ao poder e ao imperador. Esta personagem, que tinha uma origem não digna, escrava, não tinha preocupação “política” com a sociedade e sim consigo mesma. Influenciava, assim, o governante a tomar decisões injustas e de benefícios próprios, causando a “desordem política” no principado. O autor nos alerta que esta análise é tendenciosa e está envolvida numa tradição historiográfica e literária que se preocupou com os valores e a moral de personagens da elite romana na época do principado.

Revilla, juntamente com Guarinello & Joly, mostram-nos a movimentação e a agitação política existente no período imperial, algo não discutido e nem aprofundado em FINLEY (1985).

Fábio Duarte Joly, em *Tácito e a Metáfora da Escravidão*¹⁵, faz uma reflexão das relações entre política e escravidão na obra de Tácito, não se reduzindo a interação somente entre escravo e senhores, e sim fazendo uma relação com o todo da sociedade romana. Joly tem a preocupação de nos mostrar a história, a retórica e a metáfora em Tácito, quem são os escravos e libertos e o uso da metáfora da escravidão, como mostra o trecho abaixo:

“as conexões entre o discurso sobre as relações escravistas e o discurso sobre a política no principado, no qual a metáfora da escravidão aparece como um recurso retórico... com tais conexões será possível observar que Tácito concebe o poder público em termos de poder pessoal, iluminando assim um aspecto específico da sociedade romana imperial e que era parte de sua cultura política.” [JOLY, 2004:32]

Podemos observar que até o momento, todos os trabalhos analisados estavam direta ou indiretamente relacionados com a preocupação e a produção das elites romanas. Deixando-nos parecer que a cultura política no mundo antigo pudesse ser desvendada com estas personagens.

¹⁵ JOLY, 2004.

Pedro Paulo A. Funari, em *A Vida Quotidiana na Roma Antiga*¹⁶, tem como proposta o estudo de manifestações populares através da análise dos grafites encontrados nas paredes da cidade Pompéia e Herculano. Esta valorização dos grafites como um novo objeto de estudo, procuraria ressaltar uma independência estética da cultura popular, fixando-a em relações de dominação e exploração próprias da sociedade antiga.

No caso do objeto em questão, cultura política, o autor procura estabelecer características de dissociação entre os aspectos popular e erudito, principalmente na relativização das crenças de cunho denominados populares como se estes fossem reelaborações de uma cultura erudita. Os estudos, dessa forma, deveriam ultrapassar unicamente as fontes de caráter exclusivamente literárias, procurando dimensionar o contexto dos agentes sócio-culturais, classe social, idade, profissão, etc, tornando evidentes as tensões entre informações semânticas e estético-sociais.

Mostra-nos ainda que cultura política também se manifesta na vida cotidiana e que *“todos os indivíduos são intelectuais, pois são difusores do saber e exercem um papel ativo na organização do mundo social, em termos econômicos, políticos e culturais”*¹⁷.

Após a análise, podemos observar que nenhum dos autores citados anteriormente utilizou o conceito de cultura política explicitamente, e sim como um conjunto de atitudes, normas, crenças, mais ou menos partilhadas pelos membros de uma determinada unidade social, e tendo como objeto fenômenos políticos. Deste modo, concluímos que o conceito de cultura política na Antigüidade está em elaboração e experimentação, tendo que ser compreendido em seu próprio tempo e contexto, com isso, possibilitando-nos, pelo menos potencialmente, aumentar a nossa compreensão da vida política no Mundo Antigo.

Paul Veyne¹⁸ e René Martin¹⁹, afirmaram que o *Satyricon* seria uma das principais obras para o estudo das classes baixas romanas, incluindo-se escravos, livre-pobres e libertos.

¹⁶ FUNARI, 2003.

¹⁷ FUNARI, 2003: 21.

De acordo com alguns autores, a obra teria como função a diversão²⁰, promover o risco²¹, ou uma intenção puramente cômica, utilizando uma variedade de elementos e estilos, diversas formas de linguagem por motivos deliberados e até mesmo de vários mecanismos teatrais em sua composição²². Contudo, a literatura existente não coloca em dúvida a originalidade da obra, o conhecimento, por parte do autor, de elementos de outras culturas²³ de seu amplo uso de obras romanas anteriores, bem como a estreita ligação de sua obra com aspectos do romance grego.

No Brasil, existe certa quantidade de estudos que ora privilegiam os libertos²⁴; ora as elites romanas influenciadas pelo estoicismo²⁵ ou os livres pobres, particularmente em suas diferentes estratégias de sobrevivência²⁶.

¹⁸VEYNE, 1961: 213-247.

¹⁹MARTIN, 1967: 67-95.

²⁰PANAYOTAKIS, C. A sacred ceremony in honour of the Buttocks: Petronius, Satyrica 140,1-11. *Classical Quartely*, 1994, n. 44, p. 458-467.

²¹CAPRETTINI, G. P. Valenze mitiche e funzioni narrative: la “porta” e la lógica del racconto nel “Satyricon”. *Strumenti Critici*, 1976, 30, 2, p. 183-219. CIZEK, E. Face a face eloquent. Encolpe et Agamemnon. *La Parola del Passato*. Napoli: G. Machiaroli, 1975, CLX, P. 91 - 101.

²²PANAYOTAKIS, C. Quartilla’s histrionics in Petronius (Satyrica 16,1-26-6). *Mnemosyne*, 1994, v. XLVII, n. 3, p. 319-336.

²³HADAS, M. Oriental elements in Petronius. *American Journal of Philology*, 1929, n. 200, v. 50, p. 378-385.

²⁴GONÇALVES, C. R. Classe e Cultura no Alto Império Romano. Os Libertos de Paul Veyne. *Boletim do CPA*. IFCH/UNICAMP, III, 5/6, p. 235-256, 1998.

_____. Ignorância dos Libertos e Mitologia na Cena Trimalchionis. *Gallaecia*. 19, p. 269-286, 2000.

_____. *A Cultura dos Libertos no Satyricon: uma Leitura*. São Paulo, UNESP/Assis: Dissertação de Mestrado – História, 1996.

_____. A Morte de Petrônio na Narrativa Tacitiana. *Gerión*. 19, 2001, p.513-524.

GARRAFFONI, R. S. *Bandidos e Salteadores: Concepções da Elite Romana sobre a Transgressão Social*. Campinas/UNICAMP, Dissertação de Mestrado – História, 1999.

_____. Os libertos no *Satyricon* de Petrônio: uma discussão teórica. *Pós-História*. Revista de Pós-graduação em História. Assis: ed. UNESP, 2000, p. 71-84.

²⁵GUARINELLO, N. L. “Nero, o estoicismo e a historiografia romana”. *Boletim do CPA*. I, 1, p. 53- 64, 1996.

AQUATI, C. “Nero, personagem de Octavia”. *Boletim do CPA*. I, 2, p. 63-88, 1996.

²⁶FAVERSANI, F. *A Pobreza no Satyricon, de Petrônio*. Ouro Preto: UFOP, 1999.

No Brasil, Claudiomar dos Reis Gonçalves²⁷, ao estudar os libertos no *Satyricon*, procurou analisar os aspectos culturais que poderiam estar presentes na diferenciação entre uma possível cultura popular e erudita, chegando à conclusão de que em grande parte desta cultura de libertos e escravos poder-se-iam encontrar, em sua maioria, elementos de outras culturas. Entretanto, por seu trabalho ter buscado analisar o *Satyricon* como obra literária e a aplicação de modelos interpretativos provenientes de linhas estrutural-funcionalistas, este pouco avançou sobre o conhecimento geral da morte, por não ser o foco de seu estudo, referente aos libertos analisados, pois ao tomar em amplo sentido a idéia de cultura, transformou-a em mais um elemento de indiferenciação entre as diversas “classes subalternas” do período romano neroniano.

Fábio Faversoni²⁸, procurando ultrapassar os limites conceituais que até então embasavam as análises sobre a Antigüidade Romana (os conceitos de Classe e Estamento), recuperou o conceito de “relações diretas de poder” na tentativa de explicitar como se davam as relações entre pobres e ricos, libertos e patronos, bem como senhores e escravos no interior do *Satyricon*. Para este autor, os libertos viveriam em estado de *imitatio* das elites e, desta forma, como pouco se atém ao tema da morte, podemos supor que, no caso dos libertos e escravos, estas próprias “relações diretas de poder” estabeleceriam suas atitudes, crenças e visões de mundo, em uma constante procura de “estratégias de sobrevivência” compatíveis com seu meio social, com as forças em jogo e com as possibilidades sociais e legais em vigor.

Já Renata Senna Garraffoni²⁹, dedica especial atenção aos escravos fugitivos e membros da sociedade que não possuem vínculo com algum senhor, estando fora da relação de patronato e/ou servidão. Neste sentido, elabora uma nova concepção baseada nos

²⁷ GONÇALVES, C. R., 1996.

²⁸ FAVERSANI, 1999.

²⁹ GARRAFFONI, 1999.

princípios de exclusão criados pela elite romana no tratamento com seus inferiores e marginalizados.

Gláydson José da Silva³⁰ faz uma leitura da representação feminina no mundo antigo em duas obras da literatura latina, a *Arte de Amar*, de Ovídio, e o *Satyricon* de Petrônio. No seu estudo analisa as fronteiras entre Literatura e História, ou, entre o texto literário e sua representatividade histórica, utilizando como viés de abordagem a História Cultural e a Análise do Discurso.

Assim, é possível, a partir desta diversificação de abordagens, estabelecer um caminho metodológico propício à análise do *Satyricon*, que: a) torne possível uma maior versatilidade entre as diversas perspectivas analíticas e as fontes a serem estudadas; b) possibilite o início de um novo tema entre os historiadores brasileiros –representação da morte e suas expectativas; c) e finalmente, uma análise que procure contribuir com os estudos sobre outras categorias sociais já existentes sobre o Império Romano.

Se por um lado ampliou-se a perspectiva para um melhor estudo dos libertos e escravos do ponto de vista teórico-metodológico (pelas novas metodologias aplicadas), foi possível, por outro, uma maior amplitude no que concerne à evidência até então analisada. Estas duas tendências, elaboradas recentemente na obra de historiadores nacionais, podem ser ampliadas se pudermos junto a elas agregar uma análise sobre a morte de libertos a partir de um conceitual que vise observar as relações e delimitações entre as esferas do sagrado e profano³¹, antecedidas pelo abandono da idéia de “mitologia distorcida” pelo jogo narrativo interno à obra³².

³⁰ SILVA, 2001.

³¹ ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

³² GONÇALVES, C. R. Ignorância dos Libertos e Mitologia na Cena Trimalchionis. *Gallaecia*. 19, p. 269-286, 2000.

Assim, a partir desta diversificação de abordagens, é possível estabelecer um caminho metodológico propício à análise do *Satyricon*. Partiremos do pressuposto de que a morte não se limita a por fim à existência corporal de um homem, ela destrói um ser social e uma relação interacional. A morte do indivíduo não é um evento isolado, mas representa tantas relações quantas o indivíduo mantivera. Deste modo, nos preocuparemos em recuperar a morte para gerar a vida e manter a memória, fazendo de seu estudo um meio privilegiado de se chegar a uma visão social da antiguidade.

Com isso, principia-se a vislumbrar a necessidade de não se negar a pensar na morte. Este fato tem despertado o interesse de cientistas e estudiosos de diversas áreas do conhecimento humano que buscam romper com o tabu da morte. Admitimos, pois, que a História, a Arqueologia, a Filosofia e a Antropologia são ciências capazes de fornecer elementos indispensáveis para que o homem possa compreender como uma determinada sociedade constrói suas representações sociais da morte.

Organizamos esta dissertação com a estrutura que passamos a expor.

O primeiro capítulo tem por objetivo apresentar o autor, sua obra e trajetória ao longo dos tempos e como aparece a questão do poder e a morte no *Satyricon*.

No segundo capítulo passaremos a discutir os libertos na historiografia, o que nos auxiliará a compreender o quadro da sociedade em estudo, Principado Romano, e dar precedentes para o estudo da representação da morte.

No terceiro capítulo faremos uma abordagem da representação da morte na visão de Petrônio e demonstraremos as expectativas que ela cria em torno das possíveis heranças dos libertos-ricos.

Sobre a fonte, uma obra literária, necessitará de uma breve discussão. Outro aspecto sobre o *Satyricon* são as situações imaginárias e forjadas que percorre todo o romance, e o exagero que leva ao riso, como forma de “crítica” da sociedade em transformação.

CAPÍTULO I

O Satyricon

2 CAPÍTULO I – O SATYRICON

2.1 O autor e sua obra

O *Satyricon*, de Petronius, constitui-se em um romance de aventuras e costumes. Talvez seja uma das mais significativas obras para o estudo da representação da morte e sobre quais expectativas ela pode causar em uma sociedade em transformação, como o Período Neroniano, onde surge um grupo de pessoas ricas e com influência, os libertos. Mesmo sendo produtivo, esse viés de abordagem tem sido pouco explorado pela historiografia.

A obra é uma das obras mais polêmicas das quais se tem conhecimento. Sua existência se deve a inúmeros copistas desconhecidos e sua história se confunde com a própria história ocidental. Desde o conhecimento dos manuscritos medievais até os tempos contemporâneos, inúmeros especialistas de diversas áreas a vêm estudando, como D'ONÓFRIO, (1977), AQUATI (1991), GONÇALVES, C. R. (1996), GARRAFFONI (1999), FAVERSANI (1999).

Com o passar dos anos, algumas discussões foram se enraizando e se tornando itinerário obrigatório aos que se propõem estudá-la. No Brasil, por exemplo, todos os pesquisadores conhecidos seguiram, com maior ou menor grau de complexidade, este caminho, dadas as características de cada objeto pesquisado.

Neste sentido, esta pesquisa não foge de tal caminho. Embora nosso objeto de estudo seja, em sua grande parte, a chamada *Cena Trimalchionis* e os acontecimentos em Crotona, faz-se necessário levantar alguns pontos de discussão e, na medida de nossos esforços, procurar contribuir para o debate sobre alguns de seus aspectos.

Se por um lado, a “Tradição Textual” que remete a autoria da obra a Petronius, *Arbiter Elegantiae* foi aceita por estudiosos³³, por outro lado, as diversas problemáticas e os diferentes objetos avaliados por outros autores muitas vezes acabaram motivando dúvidas e contradições. Portanto, cabe num primeiro momento elaborar um roteiro para agrupar, também, essas problemáticas ao nosso estudo, bem como nos valer de seus resultados e interpretações, embora possamos delas nos diferenciar e divergir.

Deste modo, avaliaremos quem foi o autor, período de sua elaboração, a obra e sua estrutura.

A biografia de Petrônio é bastante imprecisa e desde o Período do Renascimento, há uma grande dificuldade para determinar quem foi este homem. A maioria dos pesquisadores, como os citados na página anterior, concorda que o autor do *Satyricon* é o Petrônio descrito por Tácito em sua obra *Anais*, XVI, 18-19 e mencionado, mais brevemente, em algumas passagens de Plínio, o Velho, e Plutarco.

De acordo com esta descrição de Tácito, Petrônio seria um homem com alguns vícios e cínico; no entanto, se mostrou um excelente administrador quando governou a Província da Bitínia. Por sua capacidade de atuar e sua influência na corte de Nero, teria gerado inveja em Tigelino que o difamou, acusando-o de participar de uma conspiração contra o imperador. Como punição, Petrônio, foi condenado ao suicídio em 66 d. C.

Outra questão polêmica em torno do *Satyricon* está relacionada ao período que foi concebido. De acordo com FAVERSANI (1999), saber a época em que a obra foi escrita é de importância fundamental para o historiador, pois é somente assim que se pode delimitar as perguntas a serem feitas ao documento. Muito se discutiu sobre a data em que a obra teria sido elaborada e alguns pesquisadores chegaram a propor que ela seria do século III d. C. No entanto, após uma série de análises que consideram a lingüística, as evidências legais, os

³³ AQUATI, 1995; FAVERSANI, 1999; GARRAFFONI, 1999; GONÇALVES, C. R., 1996.

aspectos econômicos citados na obra, as figuras mencionadas, como por exemplo, tocadores de liras, os gladiadores, e as sátiras aos novos ricos; conclui-se que Petrônio terminara sua obra quando ainda participava dos acontecimentos da corte de Nero, isto é, por volta de 63-65 d. C.

Deste modo, parece-nos mais razoável acompanhar os trabalhos³⁴ que, até o presente momento, datam a obra como sendo pertencente ao século I d.C., a partir das inferências ao texto, os quais demonstram este não ser posterior a essa data.

Por outro lado, de que adiantaria provar a sua autoria, visto que a construção das personagens pode remeter-nos a uma crítica a qualquer figura deste período, e que o próprio Petrônio de Tácito já é, em si, uma construção?

Sendo assim, preferimos uma hipótese mais abrangente, ou seja, a de que qualquer um dos *Petronius* descritos pelos autores e estudiosos poderia ser o autor e, mais ainda, qualquer outra figura que tenha vivido na segunda metade do século I.

Se os estudos sobre a obra estão provando que a procura de analogia de personagens da obra com figuras importantes da época nada mais pode constatar que a inutilidade de tal esforço, o mesmo se dá com a autoria, pois ela acaba se firmando na crença, ou não, na tradição. Dessa forma, concordo com Faversoni e Gonçalves sobre os pontos indiscutíveis que remetem a obra ao século I, embora prefira a hipótese de que se trata de uma fonte escrita por um autor do século I d.C. que se tornou conhecido pelo nome de Petronius.

Infelizmente, a obra chegou-nos fragmentada, só alguns “excerpa” dos livros XV e XVI. Sendo constituído de inúmeros episódios, o *Satyricon* deu ótimo material às antologias, mas desta matéria grande parte se perdeu. Entre os vários códices que contém extratos da obra de Petrônio temos: o *Leidensis- Scaligeranus* da Biblioteca da Universidade de Leide; o *Bernesis* da Biblioteca de Berna; os dois *Parisinii*_8049 e 6842 da Biblioteca Nacional de

³⁴ Como o de GONÇALVES, C. R., 1996.

Paris; o *Messaniensis* do Convento Beneditino de São Plácido em Messina; e merecendo lugar de destaque, o precioso manuscrito descoberto em 1650 por Marino Statilio em Trau, na Dalmácia, que está entre os livros da Biblioteca de Nicoló Cippico (o códice *Traguriensis*, hoje na Biblioteca Nacional de Paris, nº 7989), que fez conhecer o inteiro episódio, talvez mais interessante, da chamada *Cena Trimalchionis*. Mesmo assim, o que ficou da obra basta para considerar as páginas de Petrônio como um documento histórico e literário.

Devido à grande variedade de episódios fragmentados, acreditamos que a melhor maneira de se resumir a obra é a proposta por Faversoni, que a divide em cinco partes, de acordo com os locais que ocorreram as ações:

Primeira Parte

Puteoli ou outra cidade da Campânia (?), próxima à Nápoles. Aqui ocorreram as primeiras aventuras de Encolpios – que narra em primeira pessoa – e dois companheiros: Ascylos e Giton. Aparecem de forma destacada, dois episódios: o do debate retórico no pórtico (cc. 1-5) e o da sacerdotisa Quartilha. Outras cenas se desenrolam em prostíbulos, albergues, pequenos mercados e outros cenários urbanos (cc. 1-25).

Segunda Parte

Cena Trimalchionis. Constitui praticamente a única parte explorada pela historiografia. Introduz o leitor na casa de Trimalchio, um liberto milionário, que oferece um lauto banquete no transcorrer do qual, além de explicar a origem de sua fortuna, expõem suas idéias, hábitos e cultura. Nesse trecho falam escravos, libertos, ricos e pobres, além de personagens de origem livre (cc. 25-78).

Terceira Parte

Na praia com Eumolpos. Ascylos deixa de compor o trio de protagonistas e aparece Eumolpos, um velho poeta, que o integrará. Esta cena se dá em lugar próximo ao mar, (talvez o Golfo de Nápoles). Dois episódios se destacam: no primeiro, passam por uma pinacoteca e

examinam a arte clássica e, no segundo, se envolvem em conflito dentro de uma hospedaria (cc. 89-115).

Quarta Parte

Caminho de Crotona. Os protagonistas embarcam em um navio que pertence a Lychas, do qual fugiam Encolpios e Giton. A embarcação naufraga. Eumolpos escreve [recita] um extenso poema, o da Guerra Civil (cc. 116-124).

Quinta Parte

Crotona. O trio consegue enriquecer através de uma farsa que ilude toda a cidade. São descobertos e Eumolpos é morto ritualmente pela população. Encolpios e Giton escapam. Final. (cc. 125-141)³⁵.

Não faremos aqui um resumo da *Cena Trimalchionis* e nem a quinta parte, Crotona, apesar destas serem o nosso foco principal de análise, uma vez que as mesmas serão encontradas no Capítulo III, juntamente com nossa análise.

2.2 Poder e Morte no Satyricon

A perspectiva da morte e o tema dos caçadores de heranças também se encontram em Petronio, sobretudo na parte final do romance, onde Eumolpos lhes arma uma história bem arquitetada. No entanto, os problemas que esse episódio, passado em Crotona, levanta não se esgotam com a explicação de que o autor está apenas a cultivar, com intuitos cômicos, uma farsa, freqüente na sátira. À imagem do que já se fez com outras questões, também aqui convém alargar o campo da análise.

O tema dos “caçadores” pressupõe três realidades diferentes, mas correlativas: o poder inerente a quem é rico; a hora da morte, mais ou menos veladamente desejada pelas pessoas

³⁵ Cf. FAVERSANI, 1999.

que gravitam à volta da pessoa eleita; a falta de herdeiros legítimos, cuja existência comprometeria a possibilidade de se vir a ser contemplado no testamento. Então, este padrão encontra-se presente, com certas variantes, nas aventuras que envolvem as três pessoas mais poderosas (real ou ficticiamente) que aparecem no *Satyricon*: Trimalcião, Licas e Eumolpos.

2.3 Trimalcião

A crítica tem estudado, sobretudo, Trimalcião, uma atenção justamente atribuída a esta personagem petroniana incomparável, protagonista de um episódio igualmente famoso e único: *Cena Trimalchionis*. E será por esta parte central da obra que se vai iniciar a nossa análise. A riqueza do liberto é imensa. Muitos são os pormenores, ao longo do *Festim*, que demonstram essa realidade. Recordamos, aqui, alguns deles, por serem mais ilustrativos do problema que se pretende discutir.

Um dos testemunhos mais interessantes provém do mesmo conviva que, pouco antes, tinha explicado a Encolpios o jogo de palavras encoberto em *Carpe* e dera-lhe informação sobre a incansável fortuna de Trimalcião.

“Trimalcião tem tantas propriedade que um vôo de corvo não cobre num dia, e dinheiro que os juros só fazem multiplicar, mais dinheiro em seus cofres que qualquer pessoa que eu conheça. Você nunca viu tanto ouro. E escravos, nossa!, nossa!, nunca, pelos deuses!, imagino que só um décimo deles todos jamais viram seu senhor. Em suma, com ele, todo mundo dança conforme a música” (Cap.XXXVII)³⁶

³⁶ Todas as citações da fonte serão retiradas de:
PETRÔNIO. *Satyricon*. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.

É natural que o retrato esteja um pouco exagerado, pela evidente admiração que Hérmeros³⁷ nutre pelo sucesso conseguido por Trimalcião.

Ainda hoje em dia, nos meios rurais, a riqueza de um proprietário avalia-se, muitas vezes, pelo fato de não precisar comprar os bens de primeira necessidade, ideal de autonomia de que apenas os mais ricos podem se gloriar. Trimalcião, segundo Hérmeros, gozava disso tudo. Em sua casa se encontraria, inclusive, o que para outros seria difícil ou até impossível de achar.

O poder do anfitrião está presente no próprio nome que Petrônio lhe atribui, certamente para salientar esse aspecto da sua personalidade. Trimalcião significará algo como “três vezes rei” ou “três vezes poderoso”³⁸.

Por outro lado, a presença do radical Tri- remete para ao número três, que parece ter certa importância ao longo da obra e que poderá sugerir alguns indícios, ainda que apenas hipotéticos, sobre a real extensão do *Satyricon*. Na parte conservada do livro, destacam-se, pelo seu poder (real ou inventado) as três personagens cujo estudo se propõe neste capítulo: Trimalcião, Licas e Eumolpos. Curiosamente, todos parecem ser afastados da diegese pela morte (aparente, no caso de Trimalcião, efetiva para Licas e provável Eumolpos). Todos estão ligados, de preferência, a determinados espaços urbanos: Licas, embora pereça no mar, provém de anteriores aventuras em cidades; Trimalcião aparece na rua e próximo aos centros urbanos e, depois no seu funeral fictício, mal volta a ser referido; Eumolpos, que conhece Encólpios e Giton também no centro urbano, protagoniza a sua maior aventura conhecida em Crotona, lugar onde, em princípio, acabará por falecer. Se o enredo do *Satyricon* estivesse ligado a estes três espaços geográficos a parte perdida seria essencialmente a primeira, já que,

³⁷ Notar que é o mesmo HÉRMEROS que, mais adiante (Cap. LVII; LVIII) fica nervoso perante a falta de respeito que Ascylos e Giton mostram ter à mesa, certamente toldados pela bebida. Contudo, essa reação do liberto também pode constituir apenas um sentimento de solidariedade por alguém que é da mesma classe, contra outras pessoas que o não são.

³⁸ Esta preocupação do liberto com os nomes propiciatórios remete, por último, para sua superstição, um traço que partilha com os demais ex-escravos, como se verá.

morto o bom cantor, o final do livro estaria próximo, com o abandono da cidade por parte de Encólprios e Giton. Nesse caso, a saída corresponderia ao período de término de triocínio a uma mudança do tipo de vida, mas trata-se somente de uma possibilidade que apenas a descoberta milagrosa de novos manuscritos poderá ou não confirmar³⁹.

Mas deixemos o terreno movediço das hipóteses para passarmos às considerações de aspectos mais consistentes. Há, na *Cena*, um passo particularmente rico para a história do fundo econômico e social deste período da época imperial. Trata-se do momento em que Trimalcião, zangado com Monetária⁴⁰, começa a ceder às instâncias dos amigos para que esqueça o incidente. Ferido por esta briga familiar que lhe garantia, uma vez mais, a atenção geral, o anfitrião resolve narrar a história da sua vida⁴¹. Vida que constituiu um exemplo de aplicação e pertinência que existe em homens de fibra, algo de que se não podem desfrutar os “letrados”, como em devido tempo se concluiu. Essa capacidade empreendedora está bem presente nas suas palavras (Cap. LXXVI): “*Tudo o que o tocava crescia como um favo*”. E o liberto tem consciência da importância que a riqueza acumulada representa para o juízo da sociedade: “*Podem acreditar, quem tem um centavo, um centavo vai, quem tem, vai ter mais. Assim, este amigo que vos fala era uma rã, hoje, é um rei.*” (Cap. LXXVII)

Trimalcião não tem ilusões. Sabe que a consideração de que desfruta e os sorrisos amáveis que todos lhe dispensam se dirigem, de preferência, ao seu dinheiro. Fora essa realidade algo amarga que ele deixara entrever, pouco antes, ao lembrar as palavras de Serapa, apresentadas a seguir:

“Construíste teu domínio a partir de migalhas. Mas não tens sortes em matéria de amigos. Todos são ingratos. Possuis latifúndios consideráveis. Mas tens uma víbora escondida em teu seio. [...] – E não foi só isso. Me disse também que eu ainda viveria mais trinta anos, quatro meses e dois dias” (Cap. LXXVII)

³⁹ Sobre a possível simbologia do número três, e sobre os três níveis de leitura que permite o banquete do liberto, o artigo de René Martin, “La Cena Trimalchionis: lês trois niveaux d’ un festin”, BAGB (1988) 232-247, esp. 242-244.

⁴⁰ Tradução de Leminski, podendo ser lido também como Fortunata.

⁴¹ VEYNE, 1961: 213-247; VEYNE, 1993.

As revelações acumulam-se, com um nexo de casualidade nem sempre claro, como era próprio da linguagem. A relação, contudo, existe. O primeiro dado prende-se com a forma como Trimalcião tinha conseguido entrar nas boas graças da patroa e, de resto, também nas do senhor. Sem olhar de fato de que poderia ofender os convidados, afirma a solidão a que se vê voltado e a falta de reconhecimento à altura. Trimalcião tem a desculpa de estar simplesmente a repetir as palavras de Serapa, mas como se verá, no íntimo concordava com elas. Em seguida, é de novo mencionada a riqueza que possui, garantia última da sua importância. Por fim, lança um ataque a Monetária que ainda limpava as lágrimas quentes da discussão.

Deste modo, a informação que guarda para último lugar como novidade e como quem confia um segredo, remetem para outro traço da personalidade do liberto. Trimalcião não fala da morte por esta o atrair, mais simplesmente para sentir a ilusão de que a pode dominar, de que pode prever a sua chegada e as conseqüências que desencadeará. Sobre este aspecto da sua personalidade, já discutido em Arrowsmith, 1966⁴², convirá lembrar alguns pormenores.

Significativa e reveladora dos propósitos de Petrônio é, sem dúvida, a primeira informação dada sobre a personalidade do anfitrião. Fala Agamenon, que vem dizer a Encolpios e aos amigos onde irão comer naquela noite.

“- Mas então vocês não sabem onde é a festa hoje? Vai ser na mansão de Trimalcião, o mais rico dos homens, aquele que tem em seu salão de festas um relógio com um escravo ao lado, que toca uma trombeta a cada hora que passa, para que o magnata saiba, de hora em hora, quanto de vida esta perdendo.”(Cap. XXVI)

⁴² ARROWSMITH, William: “Luxury and death in the Satyricon”, Arion 5 (1966) 304-331.

Essa demonstração de riqueza torna-se mais consistente à medida que o banquete vai avançando. Em certa altura, Trimalcião ordena que tragam para mesa um esqueleto de prata articulado (Cap. XXXIV), que lhe proporciona considerações várias sobre a fragilidade da vida humana. A mesma idéia perpassa a intervenção dos libertos, no momento em que estes falam entre si, assim que o anfitrião se ausenta da mesa.

Outro tanto se pode afirmar relativamente às histórias narradas no decurso do *Festim*: a do vidro inquebrável (Cap. LI) e as das feiticeiras (Cap. LXIII) ambas contadas por Trimalcião, e a História do Lobisomem (Cap. LXI; LXII), da responsabilidade de Niceros. O tema atinge o desenvolvimento máximo com a leitura do testamento do anfitrião (Cap. LXXI), a descrição do seu mausoléu (Cap. LXXI) e, por último, com a teatralização do seu funeral (Cap. LXXVII; LXXVIII). De momento, não interessam tanto os pormenores de cada um destes passos como certas afirmações que Trimalcião faz e que ajudam a reconstituir os seus sentimentos mais sinceros.

Vimos como ele está consciente de que o afeto que lhe dispensam vem mesclado de interesses mesquinhos. Ele mesmo explora essa realidade quando se refere às cláusulas do testamento: *“Digo tudo isso em público, para que todos os meus escravos me amem desde agora como se eu já estivesse morto”*. (Cap. LXXI)

O choro a que todos, mecanicamente, se deixam arrastar (Cap. LXXI) dá-lhe a sensação de ser verdadeiramente amado. No entanto, pouco antes, isento desta efusão sentimentalista, o novo-rico tece um comentário que remete para uma situação possivelmente mais amarga. A afirmação é feita quando dá a ordem para trazerem à sala de jantar o seu cão Scylax. Assim que fazem sentar o animal diante da mesa, o dono toma a seguinte atitude: *“Trimalcião jogou até ele um pão branco e disse: - Ninguém me ama mais nesta casa do que este animal”*. (Cap. LXIV)

O desabafo parece excessivo ao favorito do anfitrião, Creso, que incitou a sua cadela a desafiar Scylax para a luta, um combate que depressa se revelou desigual. Mas talvez Trimalcião sentisse, igualmente, que Scylax era o único que lhe dedicava uma afeição desinteressada. Juntemos a esta possibilidade a reação que houve no acidente, quando um dos equilibristas caiu sobre o anfitrião:

“Os escravos começaram a gritar, bem como os convivas, não de pena, evidentemente, daquele ser vil, que tinha quebrado o pescoço, mas pela interrupção no Festim, ninguém estava a fim de chorar um morto que nem conhecia”. (Cap. LIV)

Por último, se Trimalcião estivesse certo de vir a ser recordado com saudade, depois de morto, talvez não visse a necessidade de fazer um mausoléu tão grandioso como o que arquitetara. O objetivo é claro, como mostra a passagem: “[...] *para que através do teu talento eu continue vivendo depois da morte. [...] No meio de tudo, um relógio de sol onde o passante, queira ou não queira, vai ter que ler o meu nome*”. (Cap. LXXI).

Observamos que o novo-rico pretende que o seu túmulo seja um verdadeiro monumento, isto é, algo que lhe assegure um lugar na memória dos vivos. Podemos dizer, com razão, que estas idéias mais não exprimem do que a usual vaidade do liberto. Mas verdade é, também, que Trimalcião sentia a mágoa de não ter ninguém que continuasse o seu nome e perpetuasse o império por ele conquistado. Revela-nos esse pesar, quando se zanga com Monetária.

“Ela esquece que, quando eu não tinha um tostão, podia muito bem me casar com mulheres que tinham dez milhões de sestércios. Você sabe, Habinnas, que não estou mentindo. Ontem ainda o perfumista Agathon me chamou num canto e me disse: “Não é bom você não deixar descendentes”. Enquanto isso, aqui fico eu perdendo um tempo precioso. Está certo, quando eu morrer, você vai raspar a terra com as unhas para me encontrar. E, para meu sossego, desde hoje, meu caro Habinnas, te proíbo de colocar estátua dela em meu monumento funerário, porque, depois de morto, eu quero viver em

paz. E digo mais. Para que ela saiba com quem está falando, eu a proíbo de me beijar quando eu estiver morto”. (Cap. LXXIV)

Trimalcião não seguiu o conselho de Agathon, talvez por dívida de gratidão a Monetária, pelo reconhecimento dos sacrifícios que esta fizera por várias vezes durante os desastres iniciais de seus empreendimentos. Trata-se de um homem que conseguiu vencer na vida, até atingir um lugar de relevo no seu meio, graças à riqueza e ao poder de que a sorte o dotou. Apesar de tudo, é um ser inquieto. Sente que a atenção que lhe dispensam, salvo raras exceções, é mais interesseira que genuína. A sombra da morte mostra-lhe, cada vez mais, os dias, e o liberto ensaia a ilusão de controlar esse momento final, procurando torná-lo presente, e adivinha os efeitos que irá provocar. Mas pesa-lhe que toda a sua vida caia no esquecimento, pois não tem descendência que lhe perpetue o nome⁴³. Por isso, procura conquistar um lugar no coração dos mais diretos colaboradores e garantir a eternidade no seu monumento. Trimalcião é, no fundo, simplesmente um homem só e acaso amargurado.

2.4 Licas

Se, para a figura anterior, havia estudos relativos ao tema que nos ocupa, já no caso de Licas a ausência de análises sistemáticas é bem evidente. No entanto, a questão do poder e da morte está nele gravada com incontestável clareza. Uma vez que Licas e Trifena integraram aventuras da parte não conservada do *Satyricon*, a informação disponível sobre estas personagens é menos abundante, mas suficiente para a demonstração pretendida.

Depois do tumulto vivido na casa e de novo causado pela disputada beleza de Giton, os dois amantes resolvem embarcar, juntamente com o poeta Eumolpo, num navio que se prepara para zarpar. A bordo, Encólpio tenta acalmar o ciúme e decide atrair o sono. Ainda

⁴³ ARROWSMITH, William: “Luxury and death in the *Satyricon*”, *Arion* 5 (1966) 321-322, salienta que os sem herdeiros são, entre os moralistas romanos, um traço típico de uma sociedade não natural organizada nos princípios da luxúria. É também um tema declarado no *Satyricon*, culminando no canibalismo em Crotona.

não adormecera e já o afligia um pesadelo; vozes conhecidas o deixam em alvoroço, bem com a Giton. Nisso pergunta a Eumolpo o nome do dono do barco:

“-Pelo amor dos Céus, meu pai, de quem é este navio? E aonde vai?
Acordando, ele respondeu, com toda a calma:
-Ah, volte, vá dormir lá no teu canto. Não há problema, este navio é de Liças de Tarento, levando para essa cidade uma passageira, uma tal de Trifena”.
(Cap. C)

A revelação atingiu-os como um raio. Não havia salvação aparente. Eumolpo tinha-os atraído ao centro do perigo, ao encontro dos seus piores inimigos: Licas e Trifena. Só lhes restava apelar à piedade do poeta.

Mas Eumolpo resistia à acusação e ao apelo, sem ver justificação, e dá mais informações sobre o proprietário da embarcação, para se certificarem de que falam de pessoas diferentes: “- *Estão com medo de quê? Não é nenhum navio pirata. Ao seu leme, esta Liças de Tarento, pessoa da mais alta categoria, piloto e dono deste navio, proprietário de vastos domínios, levando um lote de escravos para vender*”. (Cap. CI)

O passo torna claro o poder de Licas, já adivinhado pelo medo que demonstram Encólpios e Giton, embora este também possa ser explicado pela falta que os dois jovens cometerem e pela possível crueldade do capitão.

Logo em seguida, Giton esclarece a razão do temor que os invade (Cap. CI). O passo agora era conseguir uma forma de escaparem à vista destes inimigos. Vários planos são propostos e rejeitados; por fim, escolhem exatamente o que comprometerá o seu disfarce. Decidem vestir a pele de escravos fugitivos e têm, para isso, de se despojar das suas cabeleiras. É neste ato que são surpreendidos por um passageiro enjoado (Cap. CIII), que de manhã os denunciam ao capitão (Cap. CIV). Licas decide castigar os faltosos com boas doses de chibatadas e é nesse momento que se descobre a verdadeira identidade de Encólpio e de Giton (Cap. CV). Os ânimos exaltam-se e os passageiros dividem-se em duas facções: uns

apóiam, outros atacam os impostores. As feridas começam a aparecer, até que a intervenção radical de Giton, seguido de Trifena e do piloto do barco (Cap. CVIII), põe fim à luta. Eumolpo aproveita a ocasião para firmar um tratado de paz (Cap. CIX).

Os ânimos melhoram e a calma do mar convida à confraternização. Come-se, bebe-se e não faltam sequer as histórias picantes que despertam os apetites e as risadas. Entretanto, não se acalmara o coração de Encólpio. O céu carregou e o mar respondeu com agitação crescente ao desafio das nuvens e ventos. Vão seria o esforço dos homens, o barco balançava segundo o capricho das ondas. O naufrágio era inevitável. Licas, o capitão, não foi o último a abandonar o barco, mas antes o primeiro. O vento jogou-o ao mar e logo uma onda lhe deu o abraço letal (Cap. CXIV). Navio, equipamentos e passageiros, todos se tornaram presas das águas⁴⁴.

Se o destino dos outros não se sabe com clareza, o texto apresenta várias lacunas, certo é que Encólpios, Giton e Eumolpo conseguem atingir a costa, ainda que desfalecidos por experiência tão traumatizante. Pela manhã, as ondas devolvem à terra o corpo de alguém que não tivera a mesma sorte.

“No dia seguinte, deliberamos sobre a direção que deveríamos tomar, quando, de repente, vejo, boiando no mar, um corpo humano que as ondas depuseram na praia. Triste com tudo aquilo, olho para o mar com os olhos rasos d’água, perguntando-me como é que se pode confiar a vida aos acasos das ondas.

- Quem sabe – grite-, talvez este homem tem em algum lugar uma esposa esperando por ele, um filho ou um pai, que o beijou na despedida! Assim terminam nossos projetos! Eis o resultado de nossas ambições! E olha só, ele parece ainda nadar!” (Cap. CXV)

⁴⁴ Licas é o único de quem se narra expressamente a morte. Trifena é recolhida em salva-vidas pelos escravos (Cap. CXIV) e outros passageiros conseguem o auxílio de uns pescadores (Cap. CXIV). Este tratamento diferente não deve ser gratuito.

Encolpios não conhece a identidade do cadáver que vê boiar na água, mas deixa-se inundar por um sentimento de compaixão, de solidariedade para com aquela pessoa falecida longe de sua família, que não recebeu a notícia da morte. Mas por outro lado, encarece a esperança e o privilégio que é poder contar com alguém que mais tarde ou mais cedo, chore a dor da ausência de algum ente querido.

Decorrentes destas considerações seguem-se naturalmente reflexões sobre a precariedade dos desígnios humanos. Este pessimismo não é introduzido de forma artificial, está em consonância com a gravidade do momento. O desabafo final, se bem que sugerido pela visão daquele corpo arrastado ao sabor das ondas, é um comentário genérico sobre as incertezas da existência humana. No mar da vida, freqüentes são os horrores e as tempestades que assaltam de improviso o homem e o faz compreender que não é, afinal, timoneiro seguro da sua navegação. Há, quantas vezes, forças superiores que funcionam como correntes contrárias que se não detêm perante a resistência que lhes seja oferecida.

Mas a surpresa maior ainda estava para vir. Revela-se quando Encolpios reconhece o corpo de Licas. O poder e a arrogância que pouco antes tornavam Licas o homem mais temido, depressa foram mudados na situação mais humilde de todas, a inerte sujeição ao inimigo.

A situação poderá ser agravada devido ao isolamento de Licas. Na parte conservadora do romance, não se lhe refere outro familiar. A aceitar-se esta hipótese, Licas não tem, como Trimalcião, quem lhe perpetue o nome da linhagem. O liberto procura, ao menos, assegurar um funeral. O capitão do navio naufragado nem isso consegue predispor:

“Depois deste desabafo, comecei a me mexer para dar ao cadáver de Licas as exéquias que merecia. Licas foi queimado numa pêra montada por seus inimigos, enquanto Eumolpo se prepara para fazer a elegia fúnebre, olhando para o céu, à espera da inspiração”. (Cap. CXV)

São os inimigos confessos de Licas, amolecidos por sentimentos humanitários que o momento despertou, que lhe garantem as honras derradeiras.

2.5 Eumolpo

Os sobreviventes metem-se ao caminho e, horas depois, avistam uma cidade que desconhecem. É então que certo camponês lhes explica que se trata de Crotona, centro florescente, mas agora infestada de “caçadores de herança” (Cap. CXVI). Eumolpo vê nessa praga a oportunidade ideal de fazer transformar os “caçadores” em “caça”. A fim de por o plano em ação, necessita da convivência dos companheiros, que prontamente aceitam tornarem-se escravos do poeta e, assim contribuir para a farsa. Nenhum pormenor foi esquecido:

“Realizado esse ato sacro, vestidos de escravos, Giton e eu saudamos nosso senhor, e combinamos a mentira de que Eumolpo acabava de perder um filho querido, um rapaz de grande preparo e com um belo futuro pela frente. O pobre pai tinha, enfim, deixado sua cidade, por não agüentar mais ter diante dos olhos o sepulcro do filho e seus amigos, fonte de todas as suas lágrimas. Para cúmulo da desgraça, acabava de perder num naufrágio seis milhões de sestércios. Mas não lamentava a perda do dinheiro, e, sim, a dos seus servidores mais próximos, o que o impedia de aparecer em público com toda a dignidade que merecia. Ainda bem que, na África, ele ainda tinha trinta milhões de sestércios em bens imóveis e dinheiro aplicado a juros, bem como tamanha quantidade de escravos que poderia com eles formar um exército capaz de tomar Cartago”. (Cap. CXVII)

O plano tinha sido cuidadosamente pensado para ir ao encontro das expectativas que, segundo informação do camponês (Cap. CXVI), os caçadores de herança partilhavam. Primeiro, a perda recente do filho, desgosto ainda maior, porquanto havia que tomar em conta as qualidades do falecido. A mágoa inconsolável leva o pai a evitar tudo o que pudesse lembrar a recordação da tragédia, para espairar, decide viajar mas a sorte, uma vez mais, não lhe é favorável.

Até aqui, a invenção procurava tornar o episódio verossímil e despertar o interesse dos “caçadores de herança”, na ânsia, certamente, de que, com este plano, se vissem confirmados pelo fato mais importante: a riqueza.

O plano tinha todos os ingredientes para agradar os “caçadores”. E assim aconteceu (Cap. CXXIV). Ao poeta-contista-burlador-pai extremosos uma coisa pensava mais do que a perda dos haveres no naufrágio: a incapacidade de conseguir o reconhecimento público da sua dignidade, agora que se encontra sem servidores. Mas que se não preocupasse, já lhe bastava a ferida deixada pela morte do filho!, pois em Crotona encontraria todas as prodigilidades, enquanto lhe não chegassem reforços de casa.

O tema dos “caçadores de herança” é um dos mais tratados na tradição satírica e Petrônio, decerto, o teve presente. Contudo, também com Eumolpo se adivinha, de forma clara, o motivo que tem vindo a ser analisado. Embora a sua fortuna e poder comecem por ser fictícios, a verdade é que, após pouco tempo decorrido, tornam-se reais, em consequência das liberalidades dos caçadores de herança. O próprio Encolpio, mais alegre com a vida fácil que levava, o reconhece claramente.

Mas Encolpio, logo a seguir, expressa o temor de que a sorte deixa de lhe ser favorável e o engano se torna conhecido. Efetivamente, a situação altera-se, porque Eumolpo não retribui a generosidade da população e estes começam a diminuir os favores (Cap. CXXI), ou até porque o estado de saúde do velho se degrada e se aproxima o dia da sua morte.

Inicialmente a doença fazia parte da ficção criada. Pode assim acontecer que o velho esteja apenas a tentar ganhar tempo até vir a melhor oportunidade para se pôr em fuga, juntamente com os mais próximos colaboradores. Mas a hipótese de que, desta vez, a debilidade física seja real está mais de acordo com o modelo analisado por Trimalção e Licas, pois estabelece um paralelo com o encerramento das aventuras na cidade e no mar. Por

fim, o testamento de Eumolpo constituiria a sua derradeira e maior farsa. Vejamos os termos em que está sendo elaborado:

“- Todos aqueles que beneficio em meu testamento, fora meus libertos, só vão receber seu dinheiro, se, depois de morto, me cortarem em pedaços e comerem minha carne em praça pública diante dos olhares de todos.”(Cap. CXLI)

Assim, cegava-os com a fama da riqueza de Eumolpio, pelo que bem depressa houve quem estivesse disposto a executar a cláusula do testamento. A situação é tanto mais significativa se tiver em consideração que este último episódio acontece em Crotona, antigo local do pitagorismo. Segundo as palavras do camponês (Cap. CXVI), a cidade, infestada pela praga dos caçadores de herança, é como um campo semeador de morte. Recorda-se que a questão da morte levanta algumas reservas aos pitagóricos. Por outro lado, esta escola era partidária do vegetarianismo. Os crotoniatas não só se alimentam de carne (Cap. CXXXVI; CXXXVII) como vão mais longe: levam a avidez pelo dinheiro ao ponto de não recuarem perante uma condição que pressupõe, para ser satisfeita, a antropofagia.

Esta interpretação ganha a devida consistência quando aliada aos exemplos de Trimalcião e de Licas. Estes dois e Eumolpos são as personagens de quem se afirma mais claramente que detêm grande poder. Curiosamente, nenhum deles o exerce ao mesmo tempo em que o outro. A cada um corresponde determinado espaço geográfico onde se faz sentir a sua influência: a escuridão da cidade, o barco no mar imenso, a claridade de Crotona. E apenas quando termina a força de um, começa-se a sentir a do seguinte. De forma obstinada, também, convivem com a imagem da solidão e da morte.

Trimalcião procura controlar esse momento derradeiro através de previsões e ensaios cênicos de quando e como será a sua partida para o mundo do além. E o lugar que não terá no coração dos homens procura garanti-lo na grandeza do seu monumento fúnebre.

Licas tenta fugir a um destino marcado, observando com fervor religioso presságios e adivinhações divinas. No entanto, o mesmo vento que movia as velas das suas embarcações o empurra para o abraço mortal das ondas enfurecidas. Não tem pai, mulher, filho que o chore no momento da despedida. Mãos inimigas lhe vão erguer a pira que resgate a passagem para outra dimensão.

Eumolpo toda vida foi um aventureiro. A única riqueza com que acenava era o brilho do intelecto, que amargos dissabores lhe causaram e também algumas alegrias. Em Crotona, vai passar os últimos dias da vida como rei que os caçadores de herança julgavam que ele era. E será, certamente, recordado pelos companheiros de aventura, que simbolicamente liberta, à hora da morte, talvez para uma existência menos atribulada; pelos caçadores, que nunca irão desfrutar a riqueza inventada do velho poeta.

Três histórias diferentes numa terra de engano, de insegurança, de receio e de morte. É a visão panorâmica desse mundo que nos interessa, por fim, conhecer.

CAPÍTULO II

Algumas Considerações

Sobre Os Libertos

3 CAPÍTULO II – AGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS LIBERTOS

3.1 Os libertos na historiografia

A leitura do *Satyricon*, como fonte histórica, vem inspirando inúmeros trabalhos referentes à cultura dos libertos e seu “lugar” na sociedade romana.

Neste sentido, o trabalho mais conhecido é o de Paul Veyne⁴⁵, o qual retomaria suas conclusões em um trabalho posterior, sendo este mais conhecido por ter sido traduzido em português⁴⁶.

Em seu primeiro trabalho, o autor vai se fixar naquilo que ele denominou “mediocridade comum”⁴⁷, na qual viviam os libertos. Trimalcão, um dos protagonistas do *Satyricon*, seria tomado como típico arrivista inculto, o qual se denunciaria pela sua *Servilité pathétique*⁴⁸.

Para Veyne, Trimalcão não poderia nem ser visto como um *parvenu*. Ele seria aquele que nunca teria chegado a ser membro das elites, tendo restado a ele imitá-las com toda sua vulgaridade. Assim, este aristocrata, imaginário, ocuparia candidamente o papel que lhe cabia entre as camadas marginalizadas do império. Resumindo, não passaria de um ex-escravo “endinheirado” que nunca poderia entrar para a “boa sociedade”, por ser liberto, e por não possuir cultura erudita⁴⁹.

Após quase trinta anos, suas posições não se diferenciaram muito daquelas expostas no *Vie de Trimalcion*:

⁴⁵ VEYNE, P. *Vie de Trimalcion*. *Annales (ESC)*, n 2, 1961, p. 213-247.

⁴⁶ VEYNE, P. O império romano. In _____. (org.) *História da vida privada I: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 19-223

⁴⁷ VEYNE, 1961: 224.

⁴⁸ Idem, p.126

⁴⁹ Idem, p.224 e segs.

“Não são arrivista, como se diz, e sim ‘oriundos’ que sua tara original impede de forçar as portas da alta sociedade(...) E a alta sociedade acha que sua imitação é sempre falha e ridiculamente trai-lhes a pretensão e a tara: a esnobe, esnobe e meio.” (VEYNE, 1990: 94)

A influência dos trabalhos de Veyne podem ser percebidas em autores como Jean Andreau, diretor de estudos na *École des Hautes Études e Sciences Sociales de Paris*: “*Trimalquião tem o mau gosto de um parvenu, mas muitos libertos desempenhavam funções que nós qualificamos como intelectuais ou artísticas(...)*” (ANDREAU, 1991: 150)

Para Andreau, o *Satyricon* não seria uma obra realística, mas estaria ligada à uma perspectiva de tipo antropológico e da história social, hipótese, contudo, que não prova através de sua análise. Assim, poderia tornar-se objeto de análise que conferiria à obra sua verdadeira dimensão sócio-cultural como, por exemplo, a de Florence Dupont:

“Florence Dupont demonstrou eficazmente que os libertos do *Satyricon*, embora partissem da verdadeira cultura, a dos aristocratas, elaboravam uma subcultura de mau gosto. Por outro lado, quando se entrega aos mesmos excessos de alguns ‘ingênuos’ membros do senado e da ordem eqüestre, o liberto consegue tornar-se mais ridículo do eles. Um liberto procura enriquecer a todo o custo: pratica a usura, é cúvido e avaro.” (ANDREAU, 1991: 163)⁵⁰

Como outros estudiosos dos libertos, Andreau também refere-se ao *Trimalcião* do *Satyricon* de forma que nos revela uma leitura próxima àquela feita por Veyne:

“(…) a figura social do liberto é complexa e frágil. Não tem a coerência do aristocrata, seguro na sua superioridade e protegido por valores que o fortificam (...) O liberto encontra-se na encruzilhada de várias forças divergentes ou mesmo opostas. Por um lado, foi escravo, coisa que nem ele nem os outros podem esquecer. Por outro, o seu estatuto de liberto é parcialmente contraditório, porque a libertação confere-lhe a mesma cidadania de seu patrono, mas sujeita-o a uma série de obrigações e de costumes que o separam dos ingênuos.” (ANDREAU, 1991: 151)

⁵⁰ O trabalho citado é DUPONT, F. *Lê plaisir et la Loi*. Paris: Payot, 1997.

Poderíamos dizer que, além de franceses, outros autores partilharam de uma postura em comum frente aos libertos. Contudo, essas leituras se contrapõem, invariavelmente, ao trabalho de Mikhail Rostovtzeff⁵¹.

Para Rostovtzeff, haveria uma classe de libertos enriquecidos que formariam uma “burguesia”. Nesse sentido, o Trimalcão do *Satyricon* seria o representante típico dessa classe de negociantes. Esta situação o colocaria em competição com as elites locais pelas posições de direção em diversos municípios⁵².

Deste debate, duas tradições interpretativas se formariam: a dos “modernistas” e dos “pompeianistas”, as quais tiveram seus pontos de discordância muito bem pontuados por Fábio FAVERSANI (1999: 128):

“A crítica de Veyne à análise de Rostovtzeff se dirigiu fundamentalmente no sentido de negar que Trimalchio pudesse ser visto como um parvenu. Alicerçado na contestação aos ‘modernistas’⁵³ e à tradição pompeianista, às quais Rostovtzeff se vinculava, que criaram uma imagem da sociedade romana que, privilegiando elementos vinculados ao universo econômico, acabaram por atribuir, em especial, no caso da cidade campaniana, um caráter aberto às elites, com a entrada permanente de novos indivíduos enriquecidos através do comércio. Veyne coloca a tipicidade de Trimalchio(...) na impossibilidade que este personagem representa de se aceitarem, no interior das elites tradicionais, elementos novos, pelo simples fato de terem enriquecido.”

As Críticas de Veyne aos “pompeianistas” se dariam no sentido de que, os libertos, ricos ou não, seriam elementos desprezados dentro da sociedade romana, principalmente pela sua falta de cultura erudita.

Assim, teriam sido criadas estas “visões equivocadas” da sociedade romana e em desacordo com as fontes, por três razões básicas:

⁵¹ ROSTOVZEFF, M. *História social y econômica del Império Romano*. Madrid: Espasa-Calpe, 1937, T. I. Contraposto claramente em VEYNE, 1961: 213 e em Andreau, 1991: 149.

⁵² ROSTOVZEFF, 1937: 120 e segs.

⁵³ “Contestação na qual se engajaram diversos autores, como: M.I. Finley, P. Vidal-Naquet, M. Austin, entre outros” (Também em FAVERSANI, 1999: 128, nota 102).

“A. Os ‘modernistas’ teriam como ponto de partida um ‘otimismo’ em relação à sociedade romana, que resultaria no mascaramento de suas tensões e na construção de um quadro idílico do universo social; B. donde resultaria a concepção de que a sociedade fosse democrática, sendo que suas elites estariam bastantes abertas à livre entrada de novos membros, gerando um quadro de renovação dessas, que não se verificaria de fato; C. tal perspectiva seria criada através de uma análise com forte tendência ao ‘modernismo’, dando demasiado peso a mecanismo econômicos que, na realidade, à época teriam um papel apenas secundário.” (FAVERSANI 1999: 131)

Faversani, apoiado nos estudos de D’Arms⁵⁴, demonstrou que as afirmações feitas por Veyne a respeito das atividades econômicas desenvolvidas por Trimalção podiam ser contrapostas a partir de uma análise do próprio *Satyricon* e de fontes epigráficas⁵⁵.

Após sua análise⁵⁶, contudo, afirma que quando Veyne considera *Trimalchio* um ‘medíocre’, o faz reproduzindo acriticamente os preconceitos da elite romana, (e que aquele autor não levou em conta) que os agentes externos à elite pudessem ter – e, de fato, tinham – estratégias diferenciadas de afirmação⁵⁷.

A proposta de Faversani, ao contrário de se voltar à tradição ‘pompeianista’ à procura de formulações para sua análise, voltou-se para a historiografia de autores anglófonos, particularmente Garnsey e Saller tomando destes “as relações diretas de poder como elemento primário de análise”, sendo que estas seriam “categorias básicas de interação social”⁵⁸.

Tal perspectiva fundamentar-se-ia na crítica feita a abordagens que tornariam categorias jurídico-estatuárias como elementos determinantes da divisão social:

“Esta perspectiva de associar estratos jurídicos a camadas sociais foi criticada, através de estudos de abrangência variada, culminando na brilhante crítica de Sir Moses Finley. Este demonstrou a incongruência daquele modelo historiográfico com provas documentais disponíveis. Atentou, em especial, para a limitação de suas bases conceituais, principalmente a

⁵⁴ D’ARMS, 1981: 97-120.

⁵⁵ D’ARMS, J. H. Puteoli in the second century of the Roman Empire: a social and economic study. *Journal of Roman Studies*, 64, 1974, p.104-124.

⁵⁶ Para as críticas feitas a Veyne e a contestação dos econômicos, veja-se, FAVERSANI, Op. Cit, p. 131-135.

⁵⁷ FAVERSANI, F. Op. Cit, p. 135.

⁵⁸ GARNSEY, P. & SALLER, R. *The Roman Empire: economy, society and culture*. London: Duckworth, 1987.

aplicação de noções como classe e ordem à sociedade romana, onde a dinâmica social não os admite” (FAVERSANI, 1999: 62)

Neste sentido, Fav ersani concorda com outros autores quanto ao uso do conceito de Classe social para o estudo da Antiguidade Clássica⁵⁹. Assim, propõe uma análise do personagem fictício Trimalcião no intuito de demonstrar que: *“o conceito de classe social se mostra, na melhor das hipóteses, insuficiente para a análise da sociedade romana, visto ser incapaz de compreender um elemento social que é considerado típico dessa sociedade”*⁶⁰

O caminho analítico de Fav ersani parece-nos importante na medida em que, sendo o primeiro historiador brasileiro a estudar o Satyricon sistematicamente, sua aplicação do conceito de classe social pode nos dar a dimensão das relações diretas de poder como categoria analítica.

O autor estabelece quatro variáveis do conceito, as quais apresentam um emprego mais difundido e as aplica, perguntando-se em que classe social encontraríamos Trimalcião.

Vamos a sua aplicação:

“A primeira e, sem dúvida, a mais difundida, classifica os agentes pelo controle que exercem, ou não, nos meios de produção. Segundo este critério, Trimalchio pertenceria à classe dos latifundiários romanos por ter bens de raiz em quantidade invejável.

A segunda variável se refere à posição dos agentes nas relações de exportação do trabalho, criando-se assim, três classes possíveis, formadas por: 1) aqueles que trabalham menos do que seria necessário para produzir o que obtém no processo produtivo; 2) aqueles que trabalham mais do que obtém e 3) aqueles que trabalham aproximadamente o equivalente ao que obtém. Novamente, empregando este critério, Trimalchio estaria na classe dominante, par dos senadores romanos. Derivado deste, temos um terceiro meio de ordenar os agentes em classes sociais que se funda na relação dos agentes no mercado de trabalho. Neste caso, teríamos, mais uma vez, três classes sociais identificáveis: 1) a dos que compram força de trabalho; 2) a dos que vendem; 3) a dos que não compram nem vendem, garantindo uma situação de autonomia em relação a este mercado.

⁵⁹ Por exemplo, ALFODY (1989: 164) afirma que “Por outro lado, os libertos-ricos do tipo de Trimalcião eram uma ‘classe dominante’ segundo critérios econômicos, pois possuíam os meios de produção, não produziam diretamente e viviam do trabalho de seu pessoal; no entanto, eram-lhes recusados o ingresso numa ordem privilegiada, a detenção dos cargos públicos elevados e o prestígio social”.

⁶⁰ FAVERSANI, op. Cit., p. 55

De novo, teríamos em Trimalchio um membro da classe dominante. Por fim, um quarto critério traça divisões de classes segundo o poder dos diversos agentes nas relações de trabalho. Por este critério teríamos também três classes: 1) os que controlam (altos dirigentes); 2) os que são controlados (trabalhadores), 3) os que tem superiores e subordinados (posições de comando intermediárias e inferiores). Mais uma vez Trimalchio pertenceria, sem dúvida, à classe dominante” (FAVERSANI, 1999: 54)

Após a análise, o autor (nas páginas 54-55) conclui sua reflexão da seguinte forma:

“Portanto, Trimalchio, rico proprietário de terras e escravos, controlador de meios de produção e de seres humanos, pertenceria, segundo a aplicação do conceito, à classe dominante romana. Mas ele, assim conduzido à condição de membro da classe exploradora e poderosa pelo uso do conceito de classe social, não a ocupava concretamente. Mesmo que tenhamos em vista formas diversas de que lhe faltavam caracteres fundamentais à posição que, conceitualmente, deveria ocupar. Ou seja, em que pese Trimalchio se situar em uma ‘posição estrutural’ bastante privilegiada, isto não garantia uma equivalência com respeito a sua concreta situação sócio política, para a qual eram relevantes, características superestruturais das quais carecia”

Podemos, a partir da leitura de Faversoni, salientar que Trimalchio é, antes de tudo, uma personagem fictícia literária e caberia aqui recorrer a um autor reconhecido e utilizado pelo próprio Faversoni em seu trabalho, Moses Finley⁶¹, em um trecho em que este não é citado:

“Há pouca concordância entre historiadores e sociólogos sobre a definição de ‘classe’ ou sobre os critérios segundo os quais se deve atribuir uma pessoa a uma ou outra classe. Nem mesmo o conceito marxista, aparentemente claro e inequívoco, nos surge isento de dificuldades. Os homens são classificados segundo suas relações com os meios de produção, em primeiro lugar entre os que possuem e os que não possuem os meios de produção; em segundo lugar, entre os primeiros distinguem-se os que trabalham eles próprios e os que vivem do trabalho dos outros. Qualquer que

⁶¹ Faversoni concorda com Finley nos seguintes aspectos:

“Por tudo o que vimos, não há como discordar das palavras escritas por Finley: “Em conclusão, podemos demonstrar que, atualmente [1963], com relação a este tópico em particular [taxionomia social], o uso de rótulos e conceitos encontra-se em um estágio insatisfatório, no qual a terminologia incongruentes reflete uma confusão mais profunda quanto à interpretação das próprias instituições”.

Na mesma página (69) recorre a uma nota, novamente citando Finley: “*Autorizando nossas conclusões, afirma: “Não é de surpreender que tentativas de classificação boas ou más, dependam de considerações teóricas subjacentes e, por isso, não são suficientes as classificações.”* (Nota 47). (A nota segue com Faversoni defendendo Finley das críticas de Roland Étienne). FAVERSANI, Op. Cit., p.59.

seja a aplicabilidade desta classificação na sociedade contemporânea, para o historiador da Antiguidade há uma dificuldade óbvia: o escravo e o trabalhador assalariado livre seriam, neste caso e numa interpretação mecânica, membros da mesma classe, da mesma forma que o mais rico dos senadores e o proprietário de uma pequena oficina de cerâmica (desde que esse não trabalhasse). Não parece uma maneira muito inteligente de examinar a sociedade antiga”. (FINLEY, 1986: 64)

Como demonstrou e ressaltou Finley, numa interpretação mecânica, o conceito de classe para o historiador da Antiguidade apresenta dificuldades. Mesmo o texto dos autores marxistas, utilizado por Favarsani para fundamentar sua análise, lança esta crítica:

“Trata-se, pois, de uma concepção muito lata que não pode satisfazer-se com uma definição redutora e com uma aplicação limitada daquilo que continua a ser um instrumento de análise que procura menos descrever do que explicar o funcionamento real, num momento histórico dado, de relações sociais definidas(...) Esta abordagem, que se recusa a separar mecanicamente uma realidade objetiva e uma consciência subjetiva das relações sociais, procura, pelo contrário, situá-las melhor no seio de um organismo social e distinguir melhor o seu jogo real (tanto no plano econômico e social como político-ideológico).”⁶²

Ao que nos parece, Favarsani, mesmo sendo contrário ao “mecanicismo econômico de um marxismo superado”, acaba por aplicar aquilo mesmo que condena. A melhor consideração que conhecemos a este respeito é a de Michel Vovelle:

“(...) não deveríamos nos deter nela: a do ‘marxismo vulgar’, como explicação mecânica através do econômico, em um universo onde as superestruturas ideológicas responderiam como em um passe de mágica, às solicitações da infra-estrutura.(...) É preciso, porém, reconhecer que tais estereótipos têm vida longa e eficácia real.”(ANNEQUIN & FAVORY, 1978: 35-39)⁶³

⁶² Para complementar, os autores afirmam que:

“procurar compreender porque é que determinado sistema de dependência pode, num dado momento, funcionar simultaneamente nos níveis econômico, político, ideológico, exclui toda e qualquer aplicação mecanicista dos conceitos, exige que se reconheça a especificidade profunda das sociedades da Antiguidade...”(p.34-35).

⁶³ VOVELLE, M. Ideologias e mentalidades. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.12

Em função do exposto, gostaríamos de fazer algumas observações sobre as chamadas “relações diretas de poder” e sua aplicação na sociedade romana. Entretanto, como algumas análises de Moses Finley parecem perpassar o estudo de Faversoni, nos deteremos em um de seus escritos para, logo após, voltarmos a falar das redes de poder.

Finley, referindo-se à riqueza do personagem do *Satyricon*, Trimalcião, dizia que sua figura não é “*absolutamente atípica*”⁶⁴ na Antiguidade: “*estava absolutamente satisfeito com sua auto-suficiência, com o fato de possuir terras capazes de produzir tudo aquilo de que necessitava(...)*”⁶⁵.

Contudo, “*temos que nos preocupar com ideologia dominante*”⁶⁶. Esta ideologia pode ser atribuída a um dos membros mais qualificados da elite, no entender de Finley, Cícero. Baseado na argumentação da “virtude” das profissões proposta por Cícero (no *De Officis*, 1.150-1)⁶⁷, Finley propõe a análise da divisão romana, a qual se funda nas ordens (*ordo*), termo usado pelos próprios romanos, sendo esta:

“um grupo juridicamente definido dentro de uma população. Possui privilégios e incapacidades formalizadas em um ou mais campos de actividade – governamental, militar, legal, econômico, religioso, conjugal – e situa-se em relação a outras ordens numa relação hierárquica. Idealmente pertence-se a uma ordem hereditariamente, como exemplo antigo mais simples e claro, a divisão dos romanos, na fase mais recuada da sua história, em patrícios e plebeus.” (FINLEY, 1986: 58)

Logicamente, o historiador demonstra que tal esquema levaria a uma sociedade estacionária e que era necessário dar continuidade às famílias patrícias. Nesse sentido, afirma que “*a história*”, principalmente esta, “*seria ininteligível se não houvesse plebeus ricos*”⁶⁸.

⁶⁴ FINLEY, 1986: 46.

⁶⁵ Idem, p. 47.

⁶⁶ Idem, p. 48.

⁶⁷ Idem, p. 53-54.

⁶⁸ Idem, p. 59.

O patriciado teria permanecido por séculos, contudo, seu significado prático teria sido reduzido a alguns privilégios religiosos, principalmente com o fim da dicotomia entre patrícios e plebeus e o surgimento da *nobilitas*:

“A ordem mais elevada agora era a ordo senatorial (...) Destes, uma maioria crescente(...) era plebéia(...) Outra adaptação surgiu nos fins do séc. II a.C., quando a ordem eqüestre veio a ser definida de facto de forma incluir todos os não senadores que possuíssem um mínimo de 400.000 sestércios.” (FINLEY, 1986: 59)

Assim, a tradição das ordens era “*demasiado forte para poder ser posta de parte*”. A hierarquia era, agora, encabeçada por um grupo no interior da ordem senatorial, “*a nobreza*”⁶⁹.

Finley, a partir da leitura de Cícero, introduz um elemento para diferenciar, interna e externamente, as diversas ordens: o status. Na demonstração de como funcionaria o status, o personagem do Satyricon servirá, ao chamado “teste objetivo”, tanto apreciado por Finley:

“Trimalcão era um liberto, um antigo escravo. Os romanos reconheciam a existência de uma *ordo libertinorum*, mas, apreciando a insignificância virtual de tal ordem, raramente a ela se referiam. Trimalcão podia parecer igual aos senadores em termos de sua fortuna, da sua “classe” no sentido marxista, e mesmo em termos de seu estilo de vida (...) Mas a semelhança desaparece quando olhamos mais além, quando pensamos nas actividades das quais, como liberto, ele estava, legalmente excluído, nos círculos sociais que também não podia frequentar e nos quais, de resto, não fazia o mínimo esforço para penetrar. Ao contrário do *bourgeois gentilhomme* de Molière, Trimalcão não era, como foi justamente observado, um perverso, um recém chegado, pois ele nunca chegara.” (FINLEY, 1999:59)⁷⁰

“É para tais distinções que sugiro a palavra status, uma palavra admiravelmente vaga como um elemento psicológico considerável. Trimalcão foi comparado ao pompeiano que se chamava a si próprio princeps libertinorum, o primeiro entre os libertos, e é isto que se entende por status.” (FINLEY, 1999: 66-67)

⁶⁹ Esta nobreza faria parte daquilo que Finley definiu por status.

⁷⁰ O autor cita a passagem de VEYNE, P. Vie de Trimalcion. Annales (E.S.C.). 1961, n 2, p. 244-245.

Entretanto, para Cícero na “*necessidade das profissões inferiores(...). A única questão com que ele se preocupa era a do status moral (e social) dos que praticavam essas profissões*” (FINLEY, 1986: 72).

O que está em causa não é a riqueza “*mas o status dos homens que dominavam e se beneficiavam do comércio e da atividade financeira a ele relacionada*”⁷¹. Complementa esse comentário com a seguinte colocação:

“Assim, na denúncia contra os libertos e metecos, desde Platão até Juvenal, o tema invariável é moral e não econômico. Eram condenados por seus vícios e maus costumes e nunca como rivais que roubavam a homens honestos um modo de ganhar a vida.” (FINLEY, 1986: 80)

É muito interessante que Finley, baseando-se em Cícero, não tenha encontrado problemas metodológicos para “aplicar” o modelo sobre o fictício Trimalcião que, de acordo, com o próprio autor, seria da época Neroniana.

Na mesma obra, *A Economia Antiga*, em capítulo posterior ao qual estivemos até o momento⁷², novamente se referindo ao status, afirmará:

“O ponto de partida é a tendência visível a partir do início do governo monárquico em Roma, ou seja, a partir de Augusto, para um retorno a uma estrutura social mais ‘arcaica’, na qual as ordens se tornaram mais uma vez funcionalmente significantes e em espectro mais amplo de situações de status veio aos poucos substituir o agrupamento clássico dos homens em escravos e homens livres” (FINLEY, 1986: 120)

As transformações estariam relacionadas à intensa atividade política, e esta dirigida por uma “monarquia burocrática e autoritária”. Os cidadãos deixaram de desempenhar seus papéis na seleção dos governantes e no exército. Neste sentido, haveria uma mudança no século II, e uma depressão do status das classes inferiores entre cidadãos livres, que seria

⁷¹ Idem, p. 79.

⁷² Idem. “Amos e escravos”, p. 83-130.

simbolizada pelo aparecimento de duas categorias no interior da população: os *honestiores* e os *humiliores*⁷³.

Vamos ao exemplo de Finley, o qual considera “suficiente” para ilustrar o que afirma:

“Nos primeiros anos do reino de Cômodo, os rendeiros de um domínio imperial no distrito de Cartago apelaram para o Imperador contra as exigências feitas pelos rendeiros principais (conductores), com a cobertura do procurador imperial que não só ‘durante muitos anos’ ignorara seus pedidos de reparação, mas até enviara soldados para prender, espancar e torturar os contestatários, alguns dos quais eram cidadãos romanos. O imperador deu ordens solenes aos seus funcionários em África para que reintegrassem os camponeses nos seus direitos legais.” (FINLEY, 1986: 121-122)

Entre o status de Cícero e o exemplo utilizado, que é posterior ao ano 180 d.C., sobramos um vazio temporal interpretativo de mais de cem anos. Contudo, para Finley, mesmo Cícero omitindo libertos e escravos de suas considerações sobre as profissões, a “*precisão que a análise requer é novamente apontada (...) quando chama inferiores e não liberais um vasto leque de empregos*”.⁷⁴

Pensamos, portanto, que, se o conceito de classe, de acordo com Faversoni e Moses Finley, não consegue explicar um elemento típico de uma sociedade, o liberto Trimalcião, de Petronônio, possivelmente o conceito de status bem como o das “relações diretas de poder” devem dar conta de explicar os libertos reais dentro da sociedade romana.

Vamos, para isto, utilizar um liberto típico do principado de Nero: Polyclitus⁷⁵, este foi enviado pelo Imperador para fazer uma inspeção nas tropas da Bretanha, bem como para procurar restabelecer a concórdia entre o comandante das tropas do exército e o procurador (que haviam se desentendido sobre suas relações de poder e de status).

⁷³ Idem, p. 121.

⁷⁴ Idem, p. 98.

⁷⁵ Mesma época em que, segundo Faversoni e Finley, o *Satyricon* teria sido escrito.

Pelo conceito de status de Finley (de elemento psicológico), Polyclitus:

1) Era um liberto (ex-escravo): portanto, de status inferior ao comandante do exército e do procurador daquela província. Não deveria ser enviado naquela missão; mas foi.

2) Os romanos consideravam o *ordo libertinorum* insignificante, pois os libertos estavam excluídos dos círculos sociais, os quais não podiam freqüentar. Entretanto, o liberto fazia parte do círculo íntimo do Imperador Nero e, ao que parece, não era tão insignificante assim.

Caberia voltarmos a algumas reflexões, as quais podem explicitar melhor o que dizer sobre o conceito de status em Cícero.

Culturus, deriva de *colo* que, entre outros significados, admite “tomar conta de, sentido básico de *colo*, importa não só em cuidar, mas também em mandar”⁷⁶. Como sabemos, a atividade básica, tanto dos cidadãos gregos como dos romanos no início da formação dos *póleis* e das *civitates*, era a agricultura, portanto diretamente ligado a *colo* (eu moro, eu cultivo).

Com a atividade política, relacionada à propriedade da terra (reforçando a idéia em *colo*, de mandar), as pressões internas entre possuidores e despossuídos e posterior conquista de territórios para a fundação de colônias, no sentido de amenizar as pressões internas pela terra⁷⁷, vai havendo um distanciamento maior, (possibilitado pela escravização advinda da conquista) entre *cultus*, aquilo que foi trabalhado sobre a terra, e *cultus*, o substrato “extrabiológico” advindo desse cultivo.

O *cultus*, neste sentido, vai se tornando o ritual feito em honra dos antepassados que cultivaram a terra e estabeleceram uma memória, bem como um conjunto de comportamentos,

⁷⁶ BOSI: 1992.

⁷⁷ Em GUARINELLO, 1987: 51, tem-se que:

“A terra anexada, que se tornava propriedade do Estado, era distribuída aos cidadãos segundo diferentes modalidades de assignação. Uma parte considerável era destinada à fundação de colônias que funcionavam como postos avançados do domínio romano, controlando regiões hostis e agindo como válvula de escape para as pressões pela terra em Roma e nas cidades aliadas.”

valores, etc. Neste caso, um inculto, passa a ser aquele que : 1) não possui propriedade legada por antepassados; 2) não possui poder de mando; 3) não possui, portanto, hábitos, valores, etc., que as duas condições anteriores proporcionam.

Os cidadãos, agora afastados do cultivo, o qual era de maneira crescente realizado por escravos e pelos *ingenui* contratados, poderiam se dedicar à política.

Com o futuro desenvolvimento das cidades, com a urbanização e, concomitantemente a essa, o aumento da população de estrangeiros, libertos e escravos domésticos, tornou-se cada vez mais importante um conhecimento que transmitisse às novas gerações, aquela moral (do latim, *mos*) a qual, além da posse da terra, era a garantia de seu status social e poder. É isso, por exemplo, a instituição do *mos maiorum* enquanto ideologia.

Queremos dizer com isso que, *colo*, *moris* e *status* são, mais que definições psicológicas, atravessadas por elementos de posse, poder e saber.

Estes podem configurar o status no sentido ciceroniano do *ut ego mihi statuo*, contudo, é exatamente por este motivo que ele não dá conta de explicar um personagem real da sociedade romana da época de Nero, a não ser que tomemos sua definição pela nossa, a do nobre Cícero ou de Sir Moses Finley. Neste sentido, sabemos, pelo próprio Finley, que a época de Cícero:

“Era uma época de colapso político, das mais duras lutas pelo poder nas quais quase tudo era permitido, de mudanças profundas no comportamento moral tradicional, de grandes tensões entre valores e práticas” (FINLEY, 1986: 81).

Os valores morais, julgamentos de conduta e comportamento que serão feitos pelos juristas nos inícios do século II d.C., não serão mais os mesmos sobre os quais pensava Cícero quando mencionava o status das classes as quais considerava “desclassificadas”.

Como dissemos anteriormente, passaremos agora ao teste objetivo das “relações diretas de poder” de Fábio Faversani sobre o liberto de Nero e às nossas reflexões a respeito do emprego do conceito. Para o autor,

“Relações diretas de poder são interações estabelecidas entre os agentes, pressupondo alguns elementos, dentre os quais destacamos: a. uma pretensão de longa duração; b. a ausência de uma regulação legal ou coercitiva; c. a ocorrência de uma troca regular de bens, serviços ou demonstração de distinção como elementos concretizados da relação; d. flexibilidade, no sentido de que podem se alterar pela promoção social qualitativamente significativa de um dos agentes; e a existência de uma estimativa recíproca da posição social de um agente pelo outro, que será assumida como diferente, ou igual segundo o tipo determinado de relação de poder estabelecida.” (FAVERSANI, 1999: 74-75)

O liberto Polyclitus está interagido com o imperador:

- a - parecer ter com ele uma relação de longa duração;
- b - existe uma regulamentação entre as partes;
- c - existe uma troca de serviço (?);
- d - flexibilidade (?)
- e - existência de uma diferença social.

Além disso, não podemos nos esquecer das estratégias de afirmação. Polyclitus chegou neste lugar por se aproximar do centro do poder. Assim, ligou sua estratégia de afirmação a uma estratégia de sobrevivência: “A estratégia de sobrevivência é aquela que produz os signos que serão otimizados pela estratégia de afirmação”⁷⁸.

Contudo, o fundamento das relações diretas de poder na Antiguidade dá-se de forma *sui generis*:

“(…) na Antiguidade prevalece o arbítrio individual nas mediações sociais e hoje tem-se a dominância de interação legais-rationais, sendo as ações individuais coletivizadas, fundamentalmente, através do Estado e do Mercado. O problema é desta forma mal situado. Há um equívoco no

⁷⁸ FAVERSANI, 1999: 75.

procedimento comparativo, marcado pela ausência de uma questão fundamental: qual o 'lugar' ocupado pelas relações diretas de poder no todo complexo da organização social Antiga e o que temos neste mesmo 'lugar', nas sociedades contemporâneas?" (FAVERSANI, 1999: 73).

Ao que parece, Polyclitos foi beneficiado pelo arbítrio individual nas mediações sociais e tornou-se liberto. Contudo, quem o libertou foi o próprio Estado (neste momento, Nero). Este liberto, fazia parte de uma ampla rede burocrática estabelecida pelo imperador com vistas à administração pública. Com isto, dá-se uma ascensão social dos libertos (sendo Polyclitos apenas um deles). Juntamente com essa ascensão dos libertos (o que acontecia há algum tempo) vai sendo criada, paulatinamente, uma literatura hostil aos mesmos, por parte de uma elite alijada de seus poderes.

Gostaríamos, aqui, de citarmos algumas reflexões de Umberto Eco:

“(...) tem sentido a proposta de desagregar a fina rede dos micropoderes (note-se bem, não de pô-la em crise através da crítica aos seus pressupostos, mas de desagregá-la, tornando-a de repente incapaz de funcionar), uma vez que se supõe que não existe um Poder central e que o poder se distribui ao longo dos fios de uma teia de aranha leve e difusa? Se essa teia existe, ela é capaz de cicatrizar suas feridas locais e justamente por não ter coração, justamente por ser – digamos – um corpo sem órgãos.” (ECO, 1984: 327)

Neste sentido, se assumirmos que o imperador é o poder central e que estabelece sua rede sobre a sociedade romana, pouco importarão as estratégias de sobrevivência dos agentes, já que eles são apenas lugares outorgados por um poder maior que pode substituí-los e nada irá se alterar. Por outro lado, se tomarmos como pressuposto que são os agentes que estabelecem suas próprias relações (portanto, não existindo um poder Central), estamos falando de uma nova forma de pacto social que para a sua existência pressupõe um consenso de como se dão estas relações, o que, desta forma, impossibilita qualquer forma de conflito, como por exemplo, aquele que leva Petrônio a escrever o *Satyricon*.

Contudo, cabe verificar algumas fontes e as análises de alguns historiadores sobre estas, para podermos explicitar com maior clareza nossas oposições às conceituações propostas. Assim, evitaremos equívocos, pois, como observou Faversoni, “O jogo das relações diretas de poder não pertence ao reino da fantasia, mas ao da representação social”⁷⁹.

Portanto, ao mesmo tempo em que formos demonstrando estes estudos, estaremos construindo o contexto em que o *Satyricon* teria sido escrito.

As relações dos libertos com as elites romanas (inclusive uma parte das elites senatoriais) podem ser encontradas em vários autores. Alguns, como cita J. Andreau, colocam seus estudos dentro de um esquema “modernista”. Mesmo assim, não podemos desprezar algumas informações que estes, e outros autores, nos colocam:

“(...) Plínio-o-jovem fica incrédulo quando, ao passar diante do túmulo do liberto Palas, célebre a *rationibus* do imperador Cláudio, na estrada para Tívoli, lê a inscrição fúnebre. Escandalizado com as homenagens que o senado tinha rendido ao ex-escravo e com a condescendência que, na sua opinião, Palas tinha respondido a essas homenagens, Plínio qualifica-o por várias vezes como escravo. Mas também chama escravos aos senadores que, com medo do Imperador, o adularam tanto(...)” (ANDREAU, 1991: 155-156)

Ainda que seja crível que “todo” o senado ficou com medo do imperador, é interessante observar que o discurso posterior de Andreau revela que:

“O liberto Palas recebeu do senado recompensas invulgares (quinze milhões de sestércios e as insígnias de pretor)... os motivos realçados pelo *senatusconsulto* mantiveram-se na ideologia senatorial: Palas deu provas de estima e de fidelidade ao seu patrono.” (ANDREAU, 1991: 164)

Poderíamos usar a famosa máxima de Finley: “isso são exceções”. Contudo, existem mais algumas evidências que precisam de explicações como, por exemplo, aquela apresentada por Eurípedes Simões de Paula:

⁷⁹ Idem, p. 123.

“Palas, fora escravo, mulher de Druso Sênior e seu homem de confiança. Foi por ela encarregado de entregar a Tibério em 31 a carta que desvendou ao imperador as intrigas de Sejano:(...) a maioria, dos senadores e dos libertos tinham se unido a ele; o exército tinha sido seduzido, a empresa fazia grande progresso e Sejano teria conseguido seu intento se Antonio não tivesse demonstrado uma audácia mais astuta.” (SIMÕES DE PAULA, 1971: 139)

A passagem de Flávio Josefo, reconhecidamente pró-romano⁸⁰, revela um traço não muito ressaltado pelos historiadores, ou seja, a união de senadores e libertos em torno de objetivos comuns. Mesmo as relações desses libertos com seus patronos seriam insuficientes para explicarem tal afirmação.

Da mesma forma, seria difícil explicar como, na cidade da Óstia, 33% dos membros do senado municipal serem filhos de libertos e, na Gália Cisalpina, 12%⁸¹. Teriam todos os pais desses senadores se beneficiado das boas graças de seus patronos ou dos Imperadores? Finley afirma que: “*Na própria Roma, segundo Tácito (Anais 13,27) argumentava-se na época de Nero que a maioria dos eqüestres e muitos senadores eram descendentes de escravos; uma hipérbole tendenciosa, sem dúvida (...).*”⁸²

Ao que parece, Tácito merece a dúvida da hipérbole, já a caracterização de Trimalcião como incapaz de freqüentar círculos senatoriais e de sua pouca cultura, caracterização feita por um membro de uma certa elite, não merece dúvida.

O que gerou tal argumentação na época de Nero (e que não é citado por Finley) foi que, de acordo com Tácito (XIII 26-27), os libertos não estavam mais obedecendo aos seus ex-senhores e que, a pena, a expulsão de cem milhas de distância, não os assustava. O argumento que acabou prevalecendo foi o de que, por ser muito grande a população de libertos (constituindo tribos, decúrias, magistrados, sacerdotes, cortes recrutadas na cidade e que, mesmo cavaleiros e eqüestres tinham essa origem), seria de muito pouca prudência

⁸⁰ SCHUBERT, K. *Os partidos religiosos hebraicos da época neotestamentaria*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979, p.11.

⁸¹ FINLEY, Op. Cit., p.105

⁸² Idem, p. 106.

aplicar uma lei geral obrigando-os a obedecerem a seus ex-senhores. Isso já vinha ocorrendo na época de Cláudio:

“Segundo Suetônio e o jurista Marciano, o imperador Cláudio teria decidido reduzir de novo à escravidão alguns libertos, culpados, por exemplo, de ingratidão de seu patrono (Suetônio, Vida de Cláudio, 25, 3; Marciano, Digesto, 37, 14,5). Todavia, à parte esses casos excepcionais (...) uma libertação legítima nunca pode ser anulada. Quando muito, a *lex aelia gentia* (4.d.C) permite desterrar o liberto para além da centésima milha de Roma ou condená-lo a trabalhos forçados.” (ANDREAU, 1991: 156)

Como vemos, a quebra das relações de poder (ou clientela) entre libertos e patronos remontam a Cláudio, e deste, ao ano 4 d. C. Desta época até Nero, são mais de sessenta anos de um movimento que não parece ser uma exceção ou mesmo se tratar de casos excepcionais.

Se o liberto não encontra seu lugar na sociedade e para isso precisa imitar as elites⁸³, porque leis no sentido de fazê-los continuarem em seus lugares?

Acontece que mesmo a minoria dos libertos chegava a algum lugar. Exemplo de Júlio Cláudio Calixto, liberto de Calígula:

“(...) o número de conjurados já era grande, pois havia também senadores e cavaleiros. Calixto, o liberto de Calígula (...) e que se tinha tornado tão terrível (...) uniu-se a eles. Não somente era muito poderoso pelo seu prestígio, mas também pelas grandes riquezas que havia adquirido (...)” (XIX, 63-65).⁸⁴

Apesar de alguns libertos atingirem lugares de poder e prestígio por sua riqueza, ainda temos a Lei que impedia os ex-escravos de assumirem qualquer cargo público; mesmo libertos, como por exemplo, Antonio Félix, o qual foi governador da Judéia, tenham chegado a algum “lugar”, assim como outros:

⁸³ Tese de Veyne muito reconhecida. VEYNE, 1961: 244-245.

⁸⁴ JOSEFO: 1995.

“Os mais categorizados recebem, como os membros da ordem eqüestre, o título de *procuratores*. Novas funções como a das procuradorias das águas, das bibliotecas de Óstia, do patrimônio, lhes foram atribuídos.”⁸⁵

O que queremos dizer com essa série de exemplos e recortes historiográficos é que: 1) é imprudente afirmar que não existiam relações de poder na sociedade romana, pois, como já haviam demonstrado Lévi-Strauss⁸⁶, Clifford Geertz⁸⁷, e outros, este elemento é um atributo de sociedades que, num primeiro momento, não parecem ser estratificadas ou hierarquizadas; 2) não é que não existissem categorias de status na sociedade romana, contudo, estas devem levar em conta o próprio “lugar” do agente que transmite as informações e não tomadas como “a realidade” social a partir de um agente apenas.

No *Satyricon*, temos a organização da sociedade, suas relações de poder e status, bem como a tipificação dos libertos, a partir da posição de seu autor dentro de um quadro social desfavorável à sua classe e de uma sociedade em profundas transformações, onde os valores estão em conflitos com as práticas, como afirmou Finley.

Isto implica tomar a obra com desconfiança, tomá-la como dado material construído em determinado momento histórico para produzir significados, os quais só podem ser passíveis de verificações a partir de outros estudos e outras fontes, bem como da sua lógica e coerência interna enquanto obra.

Não podemos partir para o estudo do *Satyricon* sem termos isto claro: ele tem um autor e este tem interesses. Se afirmarmos que ele “exagera” em suas construções, temos que partir do pressuposto de que ele pode estar exagerando as relações sociais de poder e de status. Se não houver coerência nisto, não conseguiremos fazer o que qualquer teoria literária, que se diz crítica, procura, ou seja, entender qual o universo das problemáticas que se impõem ao autor naquele momento histórico. Como afirma Alfredo Bosi:

⁸⁵ SIMÕES DE PAULA, 1971: 131.

⁸⁶ LEVI-STRAUSS, 1965.

⁸⁷ GEERTZ, 1989.

“A velha retórica também absolutiza o texto, trazendo-o do passado ao presente, imune e isento dos condicionamentos sociais, o mesmo, *mutantibus mutantibus*, faz o estruturalismo acrônico: nega-se a estudá-lo como expressão de um dado momento social e o insere, sem mediações, no sistema de idéias e de valores contemporâneos do analista. Os extremos se tocam: o espírito classificatório, aristotélico, da velha retórica tende a conciliar-se com o rigor das participações estruturais, assim com já se aliavam, no século XIX, filologia e positivismo”.⁸⁸

As relações diretas de poder devem, antes de demonstrar o como são as relações entre os agentes em universos particularizados, dar conta de explicar os conflitos entre os grupos desses agentes como, por exemplo, entre o grupo representado por Petrônio e os libertos enriquecidos, levados pela mão do mesmo, a serem representados por Trimalcião. Só na explicação destes conflitos é que o conceito de relações diretas de poder e o conceito de status podem ganhar um sentido histórico-social e assim, evitar caírem no mesmo mecanismo da “aplicação” do conceito de classe social.

Os problemas que se impõem aos que se utilizam de categorias explicativas como classe, se aplicam da mesma forma a outros conceitos. Alguns historiadores como, por exemplo, Moses Finley, que preferiram trabalhar com o conceito de status, não negaram suas posições frente ao passado:

“Todo trabalho histórico é um diálogo no presente e com o presente. Todos os nossos hábitos de pensamento, nossas associações de idéias, nossos valores são formados no presente (...) O que podemos fazer é abandonar essa pretensão, ter plena consciência de nossos próprios valores e crenças e manter um diálogo deliberado com o passado.” (FINLEY, 1989: 117)⁸⁹

⁸⁸ BOSI, A. Situação da cultura universitária, In: *Dialética da colonização*. Op.cit., p.311.

⁸⁹ Falando sobre a sua utilização do conceito de status a partir de Cícero, o autor revela que mais que uma opção, ele escolheu-o pelo mesmo ter sido “um honesto governador da Cilícia” e “por ser igualmente correto (e honesto) ao omitir das ocupações que requeriam um grau superior de inteligência” sua própria pessoa. FINLEY, M. Ordens e Status. *Op. Cit.*, p. 73-75. Logicamente não foi só por este motivo, como também “o fato do *De officis*...ter sido até há bem pouco tempo um dos mais lidos trabalhos de ética que se escreveram no ocidente. Os *Ofícios* de Túlio ‘enobrecem o espírito’, escreveu o bispo Burnet, recomendando-o ao clero o seu *Discourse of the pastoral care* publicado em 1962 e ditado pela 14ª vez em 1821, aprovado como leitura para quem pensasse em entrar para as ordens sacras pela Sociedade para a Promoção do Pensamento Cristão” Idem, p. 155.

Se reconhecermos que todas as criações de Petrônio feitas no *Satyricon* (assim como todas as relações de poder, todos os costumes dos libertos, etc) são a descrição da realidade “exagerada”, devemos por lógica e coerência analítica, retornar às antigas abordagens e reconhecer, também, o caráter “sociológico” de sua obra (descartado por Faversoni).

Portanto, nossa análise deve sempre levar em consideração os limites impostos por qualquer obra que se diga realista, pois, como todas as obras, ela é real porque teve um autor real. Contudo, antes de sabermos quais são os limites do realismo de um autor, é necessário, tanto quanto, traduzir sua obra, decifrá-la.

Para nós, portanto, seria muito difícil apontar qual o lugar das relações de poder na Antiguidade. Entretanto, podemos apontar o “lugar” do poder no *Satyricon*: ele está no discurso patroniano, É no discurso que temos que procurar os libertos.

J. Brun, remetendo-se ao filósofo, diz que este contava a seguinte história:

“Lembra-te da coragem de Laterano. Tendo-lhe Nero enviado o seu liberto, Epafrodite, para interrogar sobre a conspiração em que tinha tomado parte, respondeu:

- Quando tiver alguma coisa a dizer, di-la-ei ao teu dono.
- Serás levado para a prisão.
- Mas será necessário que seja levado banhando-me em lágrimas?
- Serás levado para o exílio.
- Que é que me impede de ir alegremente, cheio de esperança e contente de minha sorte?
- Serás condenados à morte.
- Mas é necessário que morra murmurando e gemendo?
- Diz-me o teu segredo.
- Não o direi de modo nenhum, porque depende de mim.
- Que se amarre!
- Que dizes meu amigo, é a mim que ameaças amarrar? Desafio-te. Amarrarás as minha pernas,mas quanto à minha vontade ela será livre, e nem o próprio Júpiter ma pode tirar.
- Vou mandar corta-te o pescoço.
- Quando é que te disse que só meu pescoço tinha privilégio de não ser cortado?

As conseqüências responderam a estas palavras.

Tendo sido levado Laterano ao suplício e tendo sido demasiado fraco o primeiro golpe do executor para lhe separar a cabeça, ele levantou-a um instante e depois voltou a estendê-la com mais firmeza e constância”. (BRUN, 1986: 85-86)

A história moral contada por Epicteto – sobre a liberdade do filósofo -, transforma o liberto em um escravo ignorante e cruel. Logicamente, o autor, como escravo, encontrava mais benefícios morais que os libertos de sua época. Uma forma diferente de se sentir “superior” e ao mesmo tempo, fazer a crítica a todos os libertos utilizando-se de um exemplo remetido a um passado dito “real”.

Entretanto, por mais superiores que os filósofos e moralistas pudessem ser, Epicteto, já velho e à morte, reconhecia:

“Vejo homens que proferem máximas dos Estóicos, constata Epicteto,mas não vejo o Estóico. Mostra-me pois, um estóico, só peço um(...) Não desenganes um velho como eu, desse espetáculo que , confesso, ainda não pude desfrutar.” (BRUN, 1986: 90)

Epicteto também deixou seu “retrato” do que achava ser um liberto. Frente à autonomia do filósofo, ganha contraste a autonomia do liberto em mandar executar o mesmo. Afinal, Nero só teria dado para interrogar o filósofo sobre uma conspiração.

O mais interessante é que a história moralizante de Epicteto, que viveu no século II d.C., remonta ao século I. d.C. – ao reinado de Nero – mas a morte do filósofo remete-se ao ano 43 a.C., pois o ato de esticar o pescoço com firmeza para o carrasco retrata a morte de Cícero, um dos introdutores do estoicismo em Roma. Assim, para os nobres filósofos (tivessem existindo ou não), a representação do liberto e do filósofo passariam a ser significativas: o cruel e o humano – o sábio e o ignorante – o livre e o, mesmo livre, escravo.

Nesse sentido, partir das relações de poder no *Satyricon* ou utilizá-lo para a explicação do status (baseado em Cícero) é reconhecer o caráter consensual da sociedade romana, ou seus extratos superiores (pelo menos da reduzida minoria de escritos que nos chegaram) a respeito dos libertos e de sua posição na estrutura social romana.

O fato de que, cada vez mais, a historiografia venha realçando o caráter da mobilidade social na sociedade romana⁹⁰, principalmente dos libertos, e de que essa mobilidade não encontre explicação em nível cultural condizente, acaba por reforçar uma leitura do *Satyricon*, ou baseada nos preconceitos “a francesa” de Petrônio pelos libertos, ou explicações de tipo psicológico como um Trimalcião rico e “absenteísta” e que “imita” as elites como uma perspectiva de mera imitação⁹¹.

Essas perspectivas não esvaziam o caráter dado, até o presente momento, à história dos libertos. Ao contrário, têm servido como forma de justificativa da própria criação petroniana, ou sido utilizada como fundamentação de análise de tipo econômico e social, desvinculados de um universo cultural, visto e tomado como coisa dada, a partir dos relatos das elites da época.

Historiadores demonstraram que, em sociedade passíveis de análise a partir de registro materiais, a história da formação de classe sociais é:

“(…) a história da adoção de hábitos, práticas sociais e objetos que, por sua novidade e distinção, por seu caráter exclusivo e excludente, exprimem e legitimam a posição social da classe superior, seu acervo privilegiado aos meios de produção, sua capacidade de extrair um excedente dos produtores diretos.” (GUARINELLO, 1986/1987: 49)

Cabe-nos, pois, voltarmos a algumas definições sob as quais nortearmos nosso trabalho, já que os libertos fazem parte de um grupo que se diferenciou socialmente de outros naquele momento.

⁹⁰ Trabalhos como os de D'ARMS (1981), HOPKINS (1965), JONGMAN (1991), e outros. Jongman, embora defenda a tese da cooptação dos escravos pelas elites, admite as evidências quanto a existência de mobilidade social, p. 128 e segs.

⁹¹ FAVERSANI, 1999: 134.

CAPÍTULO III

O Olhar de Petronio

4 CAPÍTULO III - O OLHAR DE PETRÔNIO

4.1 Interdisciplinaridade, discurso e representação

Desde suas origens, no século XIX, os estudos sobre os grupos sociais menos favoráveis foram marcados pela depreciação gradativa de seus agentes produtores. O desenvolvimento, no século XX, de novas perspectivas de análise como a Micro-História, a História Vista de Baixo, bem como a História de Excluídos⁹², trouxeram à tona discussões sobre os grupos populares e suas diferentes atuações no meio social, criando novas possibilidades de incursões nos mais diferentes objetos, bem como a transformação das pessoas “comuns”, suas crenças e visões de mundo, como um campo especial de estudo.

Desta maneira, a interdisciplinaridade, percorre nosso trabalho. A fonte de nossa pesquisa, o *Satyricon*, faz parte de um conjunto de obras literárias latinas. Contudo, “*A interdisciplinaridade não se resume à junção de fontes de natureza diversas, mas consiste na articulação das diversas abordagens em um discurso único coerente*” (FUNARI, 1995: 33), pois o que se busca é a realização de um trabalho histórico.

Como observa SILVA (2001: 24), “... *Ao propor como fontes de uma pesquisa historiográfica obras de literatura, parte-se do princípio de que há, nas mesmas, indícios que aludem ao momento histórico de sua composição...*”. Entende-se daí que ao autor, Petrônio, devem interessar não os fatos em si, mas a estrutura deles; a nós historiadores, interessam os fatos em sua singularidade. Nós tentamos escrever o que aconteceu; o autor, o que poderia ter acontecido. Assim, o primeiro incorpora em sua obra um pouco da realidade empírica, que encena falta de ordem nos eventos, de modo a gerar impressão de particularidade, isto é, de ausência de padrão pré-estabelecido, caracterizando-se, portanto, pela unidade de tempo e

⁹² BURKE: 1992.

pluralidade de ação; enquanto o discurso histórico é caracterizado pela mobilidade de tempo e unidade de ação. Deste modo:

“... Relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre idéias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos. Em uma palavra, o historiador deve sempre, sem negligenciar a forma do discurso, relacioná-los ao social... A História é sempre texto, ou mais amplamente, discurso, seja ele escrito, iconográfico, gestual etc., de sorte que somente através desta descrição dos discursos que exprimem ou contêm a História poderá o historiador realizar o seu trabalho...” (CARDOSO, C.F. & VAIFAS, R., 1997: 378)

Utilizar o *Satyricon* como fonte histórica implica, necessariamente, compreender o contexto em que viveu o autor e estar ciente de que a obra faz parte do produto imaginário social de Petrónio, o qual deve ser interpretado e codificado através de seu discurso.

“A estrutura de superfície de um discurso corresponde à sua seqüência explícita de elementos constitutivos. Sua estrutura profunda, de acesso indireto, mediado pelo raciocínio do próprio observador, liga-se aos interesses e objetivos do autor e do público” (FUNARI, 1995: 27-28)

Desta maneira, o nosso estudo interpretará o discurso de Petrónio e, através dele, analisaremos a expectativa que a morte pode gerar na sociedade em transformação aqui observada, em especial no círculo dos libertos.

Para esta análise, utilizaremos a representação da morte dentro da obra. O conceito aqui utilizado, representação, é criado pela moderna historiografia francesa, a qual é vista por Roger Chartier como pedra angular da Nova História Cultural. Para dar conta de sua proposta, CHARTIER (1990) propõe um conceito de cultura enquanto *prática*, e sugere para seu estado a categoria de representação. Representação, segundo o autor, é pensada quer como algo que permite ver uma coisa ausente, quer como exibição de uma presença, é o conceito que o autor

considera superior ao da mentalidade, dado que permite articular três modalidades da relação com o mundo social:

- 1) A realidade é constituída pelos diferentes grupos que formam a sociedade;
- 2) As práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significam simbolicamente um estatuto e uma oposição;
- 3) As formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.

O modelo de Chartier possui, assim, o mérito de tentar livrar a História Cultural de todas e quaisquer conceitualização esquemática, e isto sem cair na indeterminação interclassista das mentalidades. Desta maneira, utilizaremos este conceito, representação, para auxiliar-nos na análise da expectativa que a morte gera entre os grupos de pessoas que cercam os libertos, ricos.

4.2 *Cena Trimalchionis*

No tocante ao objeto, a expectativa da morte, ela é possível de ser estudada, como já foi mencionado anteriormente, em um dos capítulos de *Satyricon*: a chamada *Cena Trimalchionis*. Inicialmente, apresentamos, de forma esquemática, uma síntese da *Cena* por capítulos.

Encólpio-Trimalcião (XXVI –LXXVIII)

XXVI. Encólpio através de seu professor Agamenon, conhece Trimalcião. Este está oferecendo um banquete do qual Giton e Ascilto também participam.

XXVIII. Vêm as placas na entrada dizendo que todo escravo que servir sem ordem levará cem chibatadas.

XXIX. Na entrada observam o cachorro pintado na parede, a estátua de Vênus e os deuses lares protetores de Trimalcião.

XXX. Intercedem pelo escravo descuidado, o qual é perdoado. Vêem Trimalcião entrar com sua careca e riem de sua pessoa.

XXXV. Trimalcião se preocupa que todos estejam satisfeitos com a comida. Aparecem escravos etíopes. Lembra aos convidados sobre sua qualidade do vinho.

XXXVI. Muita comida e o aparecimento do escravo “Corta”.

XXXVII. Encolpo recebe informações sobre Monetária, correndo para todos os lados para receber os comensais.

XXXVIII. Ouve sobre a riqueza de Trimalcião e o conselho para não desprezar os libertos por causa da amizade dos mesmos.

XXXIX. Trimalcião, apoiado sobre os cotovelos, dá graças ao seu senhor por tudo que possui. Interpreta o Horóscopo.

XL. Aparece mais comida.

XLII. Fale Seleuco: opinião sobre a mulher de Chrysanthus, após a morte do marido.

XLIII. Fala de Phileros: ele teve o que mereceu. Devemos pensar nos vivos.

XLIV. Ganimedes: lembra a hospitalidade de Safinium. Tinha algo de asiático.

XLV. Echion: diz que Glycon pegou seu contador com a mulher e o jogou às feras. Escravo fez o que foi mandado; a mulher que errou.

XLVI. Diz a Agamenon que seu estudo o tornou orgulhoso. Afirma que seu filho tem dois professores; um prepotente e outro atencioso. Acredita que o estudo é a coisa mais importante na vida e, por isso, quer uma boa profissão para o filho: escrivão público, advogado, e que só a morte pode tirar uma profissão.

XLIX. Escravo esquece de destripar um porco: Encólpio se diz cruel e que não perdoaria o escravo. Trimalcião perdoa.

LII. Trimalcião conta sobre as figuras de suas peças de prata: confusão mitológica. Bêbado, pede que Monetária dance.

LIII. Leitura de sua riqueza: escravo Mitridates é crucificado por falar mal de Trimalcião.

LVII. Após a fala de Trimalcião, Ascilto ri e é atacado verbalmente pelo liberto Hermaros.

LVIII. Giton também ri e também é atacado.

LIX. Antes de Ascilto responder, Trimalcião pede, elogiando a retórica do liberto, que seja mais compreensivo com a juventude do rapaz.

LX. Presentes aos convivas.

LXI. Niceros: história do Lobisomem.

LXIII. História de Trimalcião sobre as bruxas.

LIV. Aparece em cena Creso. Trimalcião pede que tragam seu cão Scylax.

LV. Chegada de Habinnas.

LXVII. O novo conviva pergunta por Monetária. Esta aparece: diálogo entre amigos. Mulheres conversam sobre o desmazelo dos homens e suas volúpias.

LXVIII. Fala sobre as qualidades dos escravos.

LXIX. Trimalcião diz para Scintilla não ser ciumenta. Ele mesmo chegou a servir a patroa quando escravo.

LXXI. Recomenda sua esposa aos amigos após a morte. Fala sobre seu túmulo.

LXXII. Choro de todos, mas Trimalcião acha melhor viver já que todos vão morrer. Encolpios e seus companheiros pensam em fugir.

LXXIII. São surpreendidos por escravos que os conduzem ao banho.

LXXIV. Canto do Galo. Trimalcião demonstra-se supersticioso. Além disso, beija rapaz na frente da esposa. Desentendimento entre três: ela “xinga”-o e ele joga-lhe uma taça no rosto.

LXXV. Explicações dos beijos no rapaz. Diz que, quando escravo, serviu seu patrão e sua patroa e não se envergonha disso.

LXXVI. Ficou rico após ter recebido parte da herança de seu senhor e, depois de um fracasso, ajudado por Monetária, recomeçou. Astrólogo que conhecia sua vida até as entranhas, um adivinho, disse para tomar cuidado com os de sua casa.

LXXVII. Mercúrio olha por ele e, Scauro, se hospeda em sua casa. Um homem vale o que tem.

LXXVIII. Finge-se de morto. Aproveitando uma confusão, Encolpios, Giton e Ascilto fogem.

4.3 Análise

Após esta síntese da *Cena Trimalchionis*, partiremos para a análise do objeto, a expectativa de que a morte pode criar em uma sociedade em transformação.

De início, podemos notar o interesse dos aventureiros em relação ao encontro de Trimalcião, na seguinte passagem: “*Aproximava-se o dia que esperávamos, o dia do magnífico banquete durante o qual Trimalcião ia libertar inúmeros dos seus escravos*”. (Cap. XXVI)

Depois de passadas as apresentações, o grupo segue conhecendo toda a casa de Trimalcião e vêem o luxo e a grandeza de sua propriedade. Logo após esse passeio, inicia-se o grande banquete tão esperado, onde todos tentam se aproximar do anfitrião, pois estando próximos ao poder, podem se beneficiar melhor de tudo.

Dentre todo esse jogo de aproximação, surge um momento de representação da morte narrado por Trimalcião:

“Enquanto líamos as etiquetas, Trimalcião bateu palmas, e se lamentou:
- Ai, ai, ai, como o vinho vive mais do que o pobre Homúnculo! Vamos encher a caveira. O vinho é vida. E esse aí é verdadeiro Falerno. Ontem, não servi um tão bom, e os convivas eram gente bem mais finas que vocês. Bebíamos, pois, admirando as magnificências que nos eram servidas, quando um escravo trouxe um esqueleto de prata, tão bem articulado nas juntas que se mexia como se estivesse vivo.

O escravo fez o sinistro boneco fazer uma série de movimentos, quando Trimalcião começou a declamar:
 Ai, ai, pobres de nós, mortais!
 Como o fio da nossa vida é tênue!
 Assim seremos nós depois dos funerais.
 Vivamos pois, enquanto é tempo”. (Cap. XXXIV)

Assim, percebemos que Trimalcião ironiza o fim de todos, que é a morte, mas termina comentando a necessidade de se viver, pois a riqueza não será levada para o outro “mundo”.

Dessa maneira, observamos que Trimalcião utiliza a sua fortuna para mascarar a fragilidade da vida humana. Artifício que dentro de uma sociedade em transformação e crise, gera um sentimento entre os menos favoráveis economicamente e um clima de expectativa, de que quando os indivíduos ricos morrerem, riquezas e objetos ser-lhe-ão deixados como herança. Esse fato ocorreu com o próprio Trimalcião: “... *Agora, é comigo, pensei. Sabem o quê? Meu senhor me fez co-herdeiro com o imperador e, assim, recebi o patrimônio de um senador...*” (Cap. LXXVI).

Seguindo esta perspectiva, Petrónio mostra-nos através de seu discurso que este interesse e essa expectativa da morte está em difusão dentro da sociedade. Podemos perceber isto quando o autor narra, através de seu personagem, com um tom irônico a apresentação de Crotona e as características de seus habitantes:

“– É Crotona – ele respondeu–, cidade muito antiga e que já foi a maior de toda a Itália.
 Quisemos saber sobre os habitantes, a que gênero de negócios se dedicavam, depois que sua cidade tinha sido arrasada pelas guerras.
 - Meus caros forasteiros, se vocês são homens de comércio, podem mudar de rumo, escolham qualquer outra cidade. Mas se são pessoas de alta classe, prontas para mentir para conseguir uma boa situação, bem-vindo à Crotona. Nesta cidade, não há estudo das belas-letas, não há cultivo da eloquência, nem respeito nenhum pelos bons costumes. Aqui, só há dois tipos de gente: os que escrevem testamentos e os caçadores de heranças. Aqui ninguém se interessa em ter filho, porque quem tem herdeiros legítimos não é convidado para banquetes nem para os espetáculos, é como se fosse leproso. Mas aqueles que nunca se casaram nem têm parentes próximos, são honrados sobre todos. Só eles são bravos, só eles são poderosos, são as únicas pessoas acima de qualquer suspeita. Esta cidade é que nem um campo onde caiu a

peste. Vocês só vão ver cadáveres devoradores e corvos que tudo devoram”.
(Cap. CXVI)

Outro fator relevante mostrado á a falta de herdeiros legítimos. Petrônio em seu texto, intencional ou não, constrói três situações⁹³, de representação e apresentação da morte. Todas mostram a falta de alguém que perpetue o nome e mantém a riqueza unificada, reforçando assim o interesse das pessoas na aproximação dos ricos com a expectativa de serem lembrados nos testemunhos.

O autor nos mostra através da farsa de Eumolpo essa situação que a sociedade estava vivendo:

“... Aí, encontramos uma multidão dos tais caçadores de herança, que já chegaram querendo saber donde vínhamos e que tipo de gente éramos. Conforme nosso plano, respondemos com as mais exageradas expressões de prosperidade e fortuna, que funcionaram na hora. Todos começaram a oferecer a Eumolpo sua hospitalidade, e muitos começaram a disputar para ver quem lhe dava os melhores presentes” (Cap. CXIX).

Observamos até aqui, expressões cotidianas presentes no dia a dia de pessoas comuns e pouco usuais na maioria dos textos latinos, mas presentes na *Satyricon*, sendo possível, por meio delas, tomar contato com todo o universo da representação da morte criada pelo autor. Sua leitura da sociedade do Alto Império torna-se realística na medida em que faz uso, com habilidade, da linguagem utilizada na vida real dos seus personagens.

Do ponto de vista das intenções, muitas já foram atribuídas ao autor, sobressaindo nas análises feitas o caráter moralizante e irônico da obra. Petrônio, através de seu olhar sociológico e discursivamente aristocrático, mostra-nos os comportamentos de pessoas do povo, pobres, de seguimentos aristocráticos, abastados, enfim, de homens e mulheres livres e libertos e escravos, e quais são suas expectativas e perspectivas da morte.

Dentro deste quadro de expressões criadas por Petrônio, em sua obra, temos:

⁹³ Discutida no Capítulo I – O *Satyricon*

“Disse isso, e um galo cantou. Confuso, Trimalcião mandou os escravos despejarem vinho sobre a mesa, e respingaram umas gotas nas lâmpadas. Inclusive, trocou o anel da mão esquerda para a direita:

- Não é sem motivo que esse galo emitiu um sinal. Ou estava havendo algum incêndio nas proximidades. Ou, então, alguém está morrendo. Longe de nós! Quem me trazer esse profeta de desgraças, ganha um prêmio.

Falou, e logo lhe trouxeram um galo das redondezas, que Trimalcião mandou cozinhar” (Cap. LXXIV).

Notamos assim, mais uma vez a linguagem das personagens de Petronio e a agilidade para atender ao pedido de Trimalcião, que se sentiu ameaçado pela morte.

Continuando no mesmo capítulo (LXXIV), Trimalcião, discutindo com Monetária, relembra a origem de sua esposa e comenta como pode ser seu fim após a sua morte.

“- Mas o que é que é isso? Essa vagabunda não lembra mais que eu a tirei da lama? Que eu a fiz um ser humano entre os seres humanos? E ainda se atreve a inchar como uma rã, e baba em seu próprio peito. É um bofe, não uma mulher. Mas, enfim, quem nasce na senzala, nunca sonha com a casa-grande... Está certo, quando eu morrer, você vai raspar a terra com as unhas para me encontrar...” (Cap. LXXIV).

Em seu jogo de linguagem e no seu discurso, Petronio apresenta-nos a representação da morte de Trimalcião, o qual não morre de fato na obra, mas tem vários momentos que discute e filosofa sobre a morte; criando expectativas em seus convivas, principalmente, como já foi comentado, pois não tinha herdeiros legítimos para sua fortuna. De tal modo, temos:

“Trimalcião soltou um sorriso:

- Stichus, não me deixe os ratos nem as traças botarem os dentes nestes panos, senão eu te mando queimar vivo. Quero ser enterrado glorioso, para que todo o povo diga, lá vai um grande personagem.

A seguir, abriu um frasco do mais puro nardo e nos friccionou com ele.

- Espero que, morto, goste tanto deste perfume quanto gosto agora que estou vivo.

Em seguida, mandou despejar vinho numa grande taça.

- Façam de conta que vocês formam convidados para o banquete dos meus funerais.

As coisas iam crescendo de tédio, quando Trimalcião, caindo de bêbado, mandou vir até a sala uma orquestra de sopros, para nos divertir. Deitou-se sobre um monte de almofadas:

- Façam de conta que estou morto. Digam coisas bonitas sobre mim”. (Cap. LXXVIII).

Percebemos assim o modo como o autor faz a personagem narrar de que forma seria seu funeral. Utiliza o exagero e o cômico para através da representação da morte possa gerar a vida e manter-se na memória. Seguindo essa visão do autor, temos ainda:

“Mas morreu bem, caixão de primeira, flores de estação, roupa de gala, e as carpideiras choraram que era uma beleza. Libertou, no leito de morte, alguns escravos. Mas sua mulher, todo mundo viu, chorou apenas lágrima de crocodilo. Por que isso? Ele sempre deu a ela do bom e do melhor. Mas sabe o que são as mulheres? Que nem gavião. É preciso não fazer nada para agradá-las. Seria como atirá-las dentro de um poço. Para elas, um amor antigo é um cárcere.” (Cap. XLII)

Petrônio, mostrando sua sensibilidade de análise sobre a sociedade, cria falas em várias personagens de diferentes origens social e econômica. Assim, mostra-nos durante uma conversa a perspectiva e expectativa de um grupo de libertos sobre os amigos e a morte dos mesmos:

“Mas vou lhe dizer a verdade, porque não tenho papas na língua. Falecido era um desbocado, sem-educação, maledicente, a própria discórdia encarnada. Seu irmão era gente fina, amigo dos amigos, mão-aberta, mesa cheia para todos. No começo de sua vida, deu um mau passo. Mas, na primeira vindima, começou a se aprumar. Vendeu seu vinho ao preço que bem quis. Andava de queixo erguido, tinha recebido uma herança modesta, e deixara mais do que tinha recebido. E, contra seu irmão, o miserável não deixou seus bens a não sei qual desconhecido miserável?... Negociante algum anda bem, se acreditar no primeiro que aparecer. Mas não se pode dizer que ele tenha ido mal, já que ganhou, em vida, muito mais do que merecia.” (Cap. XLIII)

Deste modo, podemos notar o olhar crítico de Petrônio sobre a sociedade a qual ele retrata usando ironia, exagero e comicidade para mostrar os interesses dos indivíduos, tantos os ricos quanto os pobres, em serem lembrados durante e depois da morte. Não podemos esquecer também que essa leitura da sociedade é feita através da sensibilidade do próprio

autor e não se configura como um espelho/ reflexo da representação histórico-social do período.

Desta forma, representação é uma categoria analítica relevante, na medida em que dá conta do ser, enquanto indivíduo ou grupo, da visão que tem de si e de outro. Nesta instância, a fonte deixa de ser tomada como um testemunho irresponsável do real, passando a ser vista como representação.

O conceito de representação tal como foi entendido aqui, é mediado, necessariamente por uma dimensão interpretativa com características histórica, ideológicas e subjetivas, intrinsecamente ligadas.

Ao considerar, no texto estudado, os seus aspectos irônicos, cômicos e os exageros, como marcas próprias do gênero em que é dado a ler, e, também, o fato de que é vazado/representado como discurso, crê-se poder apreender indícios que permitam uma reconstrução do período estudado.

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos demonstrar em nosso estudo que a morte não se limita a por fim à existência corporal de um homem, e sim destrói um ser social e uma relação interacional. A representação da morte das personagens criadas pelo autor, Petrônio, não está dentro de um evento isolado, mas dentro de tantas relações quantas o indivíduo mantivera.

Seguindo esta análise, a morte se torna um fenômeno político, pois ela cria expectativas nos indivíduos. Isso foi demonstrado no discurso de Petrônio, em especial na *Cena Trimalchionis* e em Crotona, onde os aventureiros se aproximam dos ricos (libertos) para seu próprio benefício.

Começa, a partir daí, a existir também em conjunto com atitudes, normas e crenças, mais ou menos partilhados pelos membros de uma determinada unidade social em torno da morte.

Deste modo, podemos colocar nosso trabalho dentro do campo de experimentação do conceito de cultura política, pois a morte vai gerar fenômenos políticos, e, conforme indica ALMOND (1999), cultura política é “plástica”, modifica-se com o tempo, sofre mudança e adaptação com o passar do tempo. Além de ser compreendido em seu próprio tempo e contexto, possibilita-nos, pelo menos potencialmente, aumentar a nossa compreensão da vida política no Mundo Antigo.

Não devemos esquecer que o *Satyricon* é uma obra ficcional, que constrói um mundo social que nunca existiu. No entanto, nosso estudo focaliza o discurso do autor, Petrônio, e a partir de sua visão da sociedade é que podemos interpretá-la enquanto objeto produzido num determinado contexto social, onde as personagens criadas pelo autor podem ser analisadas como pessoas de seu tempo.

Para finalizar, queremos dizer que as crenças, as práticas, os ritos em torno da morte operam dentro de um campo semântico e simbólico que está longe de ser o mesmo em culturas e momentos históricos específicos. Deve-se falar de uma “política” da morte que todo grupo social deve instaurar e conduzir continuamente, segundo as regras que lhe são próprias, para afirmar a sua identidade e fazer perdurar as suas estruturas e valores,.

Tal assertiva faz-nos refletir sobre a escatologia moderna, na qual a morte, sendo compreendida como um acontecimento inesperado e fulminante, corresponde a uma coerção social que obedece a princípios ideológicos bem definidos. É regra geral do sistema mundial que a morte seja encarada como um fato estranho, distante, e que o homem se preocupe com o desenvolvimento tecnológico, sem atentar para o fato de que muitas vezes está a criar uma das mais sofisticadas máquinas de matar.

No entanto, mesmo sem ser encarada frente a frente, a morte atinge um número cada vez maior de pessoas em áreas de conflitos políticos neste início de século, graças a questões ecológicas, ao investimento na indústria armamentista e às doenças, devido à má distribuição de renda mundial, provocando mortes por subnutrição e precárias condições de saúde. Assim, o mundo começa a vislumbrar a necessidade de não se negar a pensar na morte.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

I. Fontes, Estudos e Traduções

AQUATI, C. *Cena Trimalchionis: estudo e tradução*. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1991, 2 V.

PÉTRONE. *Le Satiricon*. Traduzido e comentado por Alfred Ernout. 3 ed. Paris: Les Belles Lettres, 1950.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Trad. Miguel Ruas. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.

TÁCITO. *Annales*. Trad. Henri Goelzer. Paris: Les Belles Lettres, 1938.

II. Dicionários:

FARIA, E. *Dicionário Escolar Latino-Português*. 6 ed. Rio de Janeiro: MEC, 1992.

GLARE, P.G.W. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1975.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio B. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MAGNE, A. *Dicionário Etimológico da Língua Latina*. Rio de Janeiro: MEC, 1962.

SARAIVA, F.R.S. *Novíssimo Dicionário Latino - Português*. 7ed. Rio de Janeiro/Paris: Gassier, s/d.

TORRINHA, F. *Dicionário Latino - Português*. 2 ed. Porto: Gráficos Reunidos, 1982.

III. LIVROS E ARTIGOS:

ALBINI, U. Petronio, Sat. CXI. *La Parola del Passato*. Napoli: G. Machiaroli, 1974, XCV, p. 137-138.

ALLEGRETTE, Álvaro H. Os túmulos circulares de mesara: considerações sobre os aspectos sociais. *CLÁSSICA*. Araraquara, Suplemento 2, p. 345-350, 1993.

ALFÖDY, G. *A História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.

ALMOND, Gabriel A. “el estudio de la cultura política” In ALMOND, Gabriel A. *Una disciplina segmentada-escuelas y corrientes en las ciencias políticas*. México:FCE,1999, p.196-218.

ANDREAU, J. O liberto, In: GIARDINA, A. (org). *O homem romano*. Lisboa: Presença, 1991.

ANNEQUIN, J. (Org.). *Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antigüidade Clássica*. Lisboa: Estampa, 1978.

_____. & FAVORY, F. Formas de exploração do trabalho e relações sociais na Antiguidade Clássica. In: ANNEQUIN, J. (org.). *Formas de exploração do trabalho e relações sociais na Antiguidade Clássica*. Lisboa: Estampa, 1978. p.34-39.

AQUATI, C. Uma história arrepiante no Satiricon. *Clássica*. Araraquara, 1993, 2, p. 55-61.

AQUATI, C. “Nero, personagem de Octavia”. *Boletim do CPA*. I, 2, p. 63-88, 1996.

_____. O narrador na Cena Trimalchionis: ironia e omissão. UNESP: São José do Rio Preto *Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos*, 1995, 10 pp. (Mimeo).

AQUATI, C. Linguagem e caracterização na “Cena Trimalchionis”: Hemerote. *Glotta*. UNESP: São José do Rio Preto, 1994-1995, 16, p. 47-63.

ARROWSMITH, William: “Luxury and death in the Satyricon”, *Arion* 5 (1966) 304-331.

AUBENQUE, P. As filosofias helenísticas. In: CHATELET, F (Org.). *A Filosofia Pagã*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 167-198.

AUERBACH, E. *Mimesis*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

AZEVEDO, F. *No Tempo de Petrônio*. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

BAGNANI, G. The house of Trimalchio. *American Journal of Philologie*, 1954, 75, 1, p. 16-39.

BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

_____. *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: UUNESP/HUCITEC, 1988.

BALDWUIN, B. The slaves chorus in Petronius. *Emerita*. Madrid, 1984, LII, p. 295-296.

BARNES, E. J. Petronius, philo and stoic rethoric. *Latomus*. 1973, v. XXX (4), p. 787-798.

BARTHES, R. et al. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Mandacaru, 1989.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (orgs.) *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p.349-363.

BOSI, A. *Dialética da Colonização*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRANDÃO, Jacinto Lins. No reino da isotimia: diferenças sociais e mundo dos mortos em Luciano. *CLÁSSICA*. São Paulo, n.7/8, p. 83-100, 1994/1995.

BRAREN, Ingeborg. O mausoléu de Augusto e a Apocolocintose de Sêneca. *CLÁSSICA*. São Paulo, n.7/8, p. 165-170, 1994/1995.

BRUN, J. *O Estoicismo*. Lisboa: Edições 70, 1986, p. 75-91.

BURKE, P. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *A Escrita da História*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

- BURRIS, E. E. Two notes on Petronius. *American Journal of Philology*, 1941, 62, 247, p. 356-358.
- CALLEBAT, L. Structures narratives et modes de representation dans le Satyricon de Pétrone. *Revue des Études Latines*, 1974, LII, p. 281-303.
- CAMERON, A. M. Myth and meaning in Petronius: some modern comparisons. *Latomus*, 1970, v. XXIX (2), p. 397-425.
- CAMPUZANO, L. *Las Ideas Literarias en el Satyricon*. Havana: Letras Cubanas, 1984.
- CANDIDO, A. (et alii). *A Personagem de Ficção*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- CAPELATO, M.H.R. & DUTRA, E.R.F., Representação política: o reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In CARDOSO, C.F. & MALERBA, J. (orgs). *Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000, p. 227-267.
- CARCOPINO, J. *A Vida Quotidiana em Roma no Apogeu do Império*. Lisboa: Livros do Brasil, 1940.
- CARDOSO, C.F. & VAIFAS, R. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. A presença da morte em as Troianas de Sêneca. *CLÁSSICA*. São Paulo, n. 7/8, p.153-164, 1994/1995.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela de Galhardo. Lisboa/ Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand, 1990.
- CIAFFI, V. *Struttura del Satyricon*. Torino: Università di Torino, 1955.
- CIZEK, E. Face a face eloquent. Encolpe et Agamemnon. *La Parola del Passato*. Napoli: G. Machiaroli, 1975, CLX, P. 91 - 101.
- D'ARMS, J.H. The typicality of Trimalchio. In: *Commerce and Social Standing in Ancient Rome*. Harvard University Press, 1981, p. 97-120.

D'ONÓFRIO, S. A estrutura do Satiticon e do O Asno de Ouro. *Mimesis*, 3, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, 1977, p. 53-80.

_____. *Os Motivos da Sátira Romana*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1968.

DANESE, R. M. Il ritorno dell'eroe in patria: quasi una postilla (Petronio 'Satyricon' p. 114-115). *Studi Urbinati*, 1989, anno LXII, p. 213-220.

DE MARTINO, F. *Storia Economica di Roma Antica*. Firenze: Nuova Italia, 1979.

DELL'ERA, A. *Problemi di Lingua e Stile in Petronio*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1970.

DIAZ Y DIAZ, M. C. Apostilas a una recente edicion de Petronio. *Emerita*. Madrid, 1955, XXIII, p. 295-302.

DUNCAN-JONES, R. The use of prices in the latin novel: Petronius. In: _____. *The Economy of the Roman Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 238-248.

ECO, U. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELVIRA, A. R. El valor de la novela antigua a luz de la ciencia de la literatura. *Emerita*. Madrid, 1953, XXI, p. 64-110.

FAVERSANI, F. *A Pobreza no Satyricon de Petrônio*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1995.

_____. *A Pobreza no Satyricon, de Petrônio*. Ouro Preto: UFOP, 1999.

_____. O poder na comédia latina. *Pós-História*. Assis: UNESP, 1995, v. 3, p. 165-175.

FINLEY, M. *A Economia Antiga*. 2 ed. Porto: Afrontamento, 1986.

- _____. *Democracia Antiga e Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *Escravidão Antiga e Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- _____. *A Política no Mundo Antigo*. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. Entrevistas do Le Monde, In: *Idéias contemporâneas*. São Paulo: Ática, 1989, p. 117.
- FLEMING, Maria Isabel D' Agostinho. Poder Político e Cultura Material: As Vasilhas de Metal Romana no Contexto Imperial e nas Áreas Periféricas da Europa Central e do Norte In: BENOIT, Hector e FUNARI, Pedro Paulo Abreu (orgs.). *Ética e Política no Mundo Antigo*. São Paulo: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP, 2001. p. 101-116.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, 3 v.
- FUNARI, P. P. A. *Roma: vida pública e privada*. São Paulo: Atual, 1993.
- _____. A caricatura gráfica e o “ethos” popular em Pompéia. *Clássica*. Belo Horizonte, 1992, 1, p. 117-139.
- _____. *Antigüidade Clássica: a História e a Cultura a partir de documentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- _____. As faces do futuro: os romanos e a adivinhação. *Anais da XI Reunião SBPH*, 1991, p. 51-56.
- _____. *Cultura Popular na Antigüidade Clássica*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. Cultura(s) dominante(s) e cultura(s) subalterna(s) em Pompéia, da vertical cidade ao horizonte do possível. *Revista Brasileira de História*, 1987, 7, p. 33-48.
- _____. *A Vida Quotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Anablume, 2003.
- GARNSEY, P & SALLER, R. *The Roman Empire: economy, society and culture*. London: Duckworth, 1987.
- GARRAFFONI, R. S. *Bandidos e Salteadores: Concepções da Elite Romana sobre a Transgressão Social*. Campinas/UNICAMP, Dissertação de Mestrado – História, 1999.

- _____. Os libertos no *Satyricon* de Petrônio: uma discussão teórica. *Pós-História*. Revista de Pós-graduação em História. Assis: ed. UNESP, 2000, p. 71-84.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: G. Koogan, 1989.
- GIARDINA, A. (org.). *O Homem Romano*. Lisboa: Presença, 1991.
- GINZBURG, C. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- GIRARD, R. *A Violência e o Sagrado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- GONÇALVES, C. R. Classe e Cultura no Alto Império Romano. Os Libertos de Paul Veyne. *Boletim do CPA*. IFCH/UNICAMP, III, 5/6, p. 235-256, 1998.
- _____. Ignorância dos Libertos e Mitologia na Cena Trimalchionis. *Gallaecia*. 19, p. 269-286, 2000.
- _____. *A Cultura dos Libertos no Satyricon: uma Leitura*. São Paulo, UNESP/Assis: Dissertação de Mestrado – História, 1996.
- _____. A Morte de Petrônio na Narrativa Tacitiana. *Gerión*. 19, 2001, pp.513-524.
- GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Imagens Oníricas e o Poder Imperial dos Severos na Roma Antiga In: *Encruzilhadas do Imaginário*. Ensaios de Literatura e História. Goiânia: Cãnone Editorial, 2003. p. 27-48.
- GRIMAL, P. La date du Satiricon. *Revue des Études Anciennes*. Paris: Klincksieck, 1951, v. LIII, p. 100-106.
- _____. Note a Pétrone, Satiricon XXVI. *Revue de Philologie*. Paris: Klincksieck, 1941, p. 19-20.
- GUARINELLO, N. L. “Nero, o estoicismo e a historiografia romana”. *Boletim do CPA*. I, 1, p. 53- 64, 1996.
- _____. Classe e cultura na Etrúria arcaica. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v 7, 1986/87, p. 49-62.
- _____. *Imperialismo Grego-Romano*. São Paulo: Ática, 1987.

- _____. & JOLY, Fábio D. Ética e Ambigüidade no Principado de Nero. In: BENOIT, Hector e FUNARI, Pedro Paulo Abreu (orgs.). *Ética e Política no Mundo Antigo*. São Paulo: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP, 2001. p. 133-52.
- HADAS, M. Oriental elements in Petronius. *American Journal of Philology*, 1929, n. 200, v. 50, p. 378-385.
- HERMANN, J. História das Religiões e Religiosidades. In. CARDOSO, C.F. e VAINFAS, R. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 329-352.
- HOLLOWAY, R. Ross. Cneue Tarchunies Rumach. *CLÁSSICA*. São Paulo, n.7/8, p. 127-140, 1994/1995.
- HOPKINS, K. Elite mobility in the roman empire. *Past and Present*, 1965, n. 32, p. 12-32.
- HORSFALL, N. *La Cultura della Plebs Romana*. Barcelona: PPU, 1996.
- JONGMAN, W. *The Economy and Society of Pompeii*. Amsterdam: J. C. Gieben Publisher, 1991.
- JOLY, Fábio D. *Tácito e a Metáfora da Escravidão*. São Paulo: Edusp, 2004.
- JOSEFO, Flávio. *Antiguidade judaica*. Tradução de Padre Vicente Pedroso. São Paulo: Editora das Américas, 1995, vol. 5.
- JULIA, D. A Religião. História Religiosa. In. LE GOFF, J. & NORA, P. *História: novas abordagens*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LACAPRA, D. História e o romance. *Revista de História*. Campinas: Unicamp, n. 2/3, p. 107-124.
- LAKE, A. K. A note on the location of the ‘Cena Trimalchionis’. *American Journal of Philology*, 1941, n. 248, v. 62, p. 494-496.
- LE GOFF, J. & NORA, P. *História: novos problemas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- _____. *História: novas abordagens*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. *História: novos objetos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LEEMAN, A. D. Tacite sur Petrone: mort et liberté. *Annali della Scuola Normale Superiori di Pisa*. Pisa, 1978, v. 8, n. 2, p. 421-434.

LEITE, D. M. *Psicologia e Literatura*. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1987.

LEVINE, D. H. Popular groups, popular culture and popular religion. *Comparative Studies in Society and History*. 1990, v. 4 (32), p. 718-764.

LEVI-STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*. Lisboa: Portugalia, 1965.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. *Imperadores Imaginários. Política e Biografia na História Augusta (Século IV d.C)*, 1998, 148 p. (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Universidade de São Paulo, 1998.

MACMULLEN, R. *Les Papports entre les Classes Sociales dans L'Empire Romain, 50 av. J.C. - 284 ap. J.C.* . Paris: Seuil, 1986.

MARTIN, R. Historia social do mundo romano antigo: métodos e problemas. In: GODINHO, V. M. (Org.). *História Social: problemas, fontes e métodos*. Lisboa: Cosmos, 1967, p. 67-95.

MELLO, J. G. *Humor Romano: o Satiricon*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1985.

MENDES, João Pedro. A morte e o além na Eneida. *CLÁSSICA*. São Paulo, n.7/8, p. 141-152, 1994/1995.

MILES, Richard. Communicating Culture, Identity and Power In: HUSKINSON, Janet (ed). *Experiencing Rome. Culture, Identity and Power in the Roman Epire*. London: Routledge, 2000. p. 29-62.

MOMIGLIANO, A. *De Paganos, Judios y Cristianos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

MOOG, V. *Heróis da Decadência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

NICOLET, C. Cultura e sociedade na História Romana. In: GODINHO, V.M.(Org.) *Níveis de Cultura e Grupos Sociais*. Lisboa: Cosmos, 1967.

NUNES, B. *O Tempo na Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

OLINTO, H. K. *Histórias de Literatura. As novas teorias Alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

PANAYOTAKIS, C. A sacred ceremony in honour of the Buttocks: Petronius, *Satyrica* 140,1-11. *Classical Quartely*, 1994, n. 44, p. 458-467.

_____. Quartilla's histrionics in Petronius (*Satyrica* 16,1-26-6). *Mnemosyne*, 1994, v. XLVII, n. 3, p. 319-336.

PERROCHAT, P. Mentalité et expression populaires dans la 'Cena Trimalchionis'. *L'information Littéraire*, 1961, n. 2, p. 62-69.

POCOCK, J.G.A. "Introdução: o estado da arte" In POCOCK, J.G.A. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Edusp. 2003, p.23-62.

PRIETO, A & MARIN, N. *Religion y Ideologia en el Império Romano*. Madrid: Akal, 1979.

QUIROGA, P. L. B. de. La dependencia economica de los libertos en el Alto Imperio Romano. *Gerión*. 9, 1991, p. 163-174.

RAMAZZINA, Adriana A. Os padrões funerários da necrópole púnica de Lilibeu. (Sicília-séc.IV a.C.): tradições fenício-púnica e assimilações indígenas helênicas. *CLÁSSICA*. Araraquara. Suplemento 2, p.337-341, 1993.

RANKIN, H. D. *Petronius the Artist: essays on the satyricon and its author*. Haya: La Haya, 1971.

REVILLA, Victor. Poder Político, Visibilidad Social y Honores em Is Roma Del Siglo I d.C. In: BENOIT, Hector e FUNARI, Pedro Paulo Abreu (orgs.). *Ética e Política no Mundo Antigo*. São Paulo: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP, 2001. p. 253-264.

RICHARDSON, T. W. Problems in the text-history of Petronius in Antiquity and Middle Ages. *American Journal of Philology*, 1975, v. 96, n. 383, p. 290-305.

RIVES, James. Religion in the Roman World In: In: HUSKINSON, Janet (ed). *Experiencing Rome. Culture, Identity and Power in the Roman Empire*. London: Routledge, 2000. p. 245-275.

- ROSALDA, D. Petronio 50,1: una proposta hermeneutica. *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia di Bari*. Bari: Adriatica Ed., 1987, XXX, p. 207 - 216.
- ROSE, K. F. C. The author of the Satyricon. *Latomus*, 1961, v. XX, p. 821-825.
- ROSTOVTZEFF, M. *História Social y Economía del Imperio Romano*. Madrid: Espasa-Calpe, 1937, Tomo I-II.
- SALANITRO, M. Folklore autentico e folklore supposto nella Cena Trimalchionis. *Res Publica Litterarum: studies in the classical tradition*. Kansas: University of Kansas, 1989, v. XII, p. 195-206.
- SALLES, C. *Nos Submundos da Antigüidade*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SCHNUR, H. C. The economic background of the Satiricon. *Latomus*, 1959, v. XVIII, p. 790-799.
- SEGURA RAMOS, B. El “tempo” narrativo de la Cena Trimalchionis. *Emerita*, 1976, v. XLIV, p. 143-155.
- SEQUEIROS, Maria D. B. de. Catulo 96: el amor mäs poderosos que la muerte. *CLÁSSICA*. São Paulo, n.7/8, p. 127-140, 1994/1995.
- SCHUBERT, K. *Os partidos religiosos hebraicos da época neotestamentaria*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979, p.11.
- SILVA, Glaydson J. Aspectos de cultura e gênero na arte de amar, de Ovídio, e no Satyricon, de Petronio: representações e relações. São Paulo, Unicamp/ Campinas: Dissertação do Mestrado – História, 2001.
- SIMÕES DE PAULA, E. Algumas considerações em torno da escravidão em Roma: o problema dos libertos. *Anais da UNESP*, 1971, p. 95-155.
- SOMERS, Margareth R., “Qué hay de político o de cultural en la cultura política y en la esfera política? Hacia una sociología histórica de la formación de conceptos”. In *Zona Abierta*, Madrid, 77/78, 1996/97, p.31-94.
- SOMMARIVA, G. Eumopo, un ‘socrate epicureo’ nel Satyricon. *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*. Pisa, 1984, v. 14, n. 1, p. 25-58.

SOVERANI, P. Il problema delle teorie retoriche e poetiche di Petronio. *ANWR II*, 1985, n. 32/33, p. 1706-1779.

TUPET, A. M. La mentalité superstitieuse à l'époque des Julio-Claudiens. *Revue des Études Latines*, 1984, v. 62, p. 206-235.

VERNANT, J-P. & VIDAL-NAQUET, P. *Trabalho e Escravidão na Grécia Antiga*. Campinas/ São Paulo: Papyrus, 1989.

VEYNE, P. Vie de Trimalcion. *Annales (E.S.C.)*, 1961, n. 2, p. 213-247.

_____. *Arbiter Elegantiae*. *Revue de Philologie*. Paris: Klincksieck, 1963, v. 32, p. 258-259.

_____. O império romano. In: VEYNE, P. (Org.). *História da Vida Privada I: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 19-223.

_____. Vida de Trimalquião. In: _____. *A Sociedade Romana*. Lisboa: Edições 70, 1993.

VOVELLE, M. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)